

1 **ATA DA CENTÉSIMA QUINQUAGÉSIMA NONA SESSÃO ORDINÁRIA DA**  
2 **COMISSÃO DE ORÇAMENTO E PATRIMÔNIO DO CONSELHO**  
3 **UNIVERSITÁRIO.** Aos vinte e nove dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três,  
4 às quatorze horas e trinta minutos, reuniu-se de forma híbrida a Comissão de Orçamento e  
5 Patrimônio sob a presidência do Professor Doutor FERNANDO SARTI, com a presença do  
6 senhor Thiago Baldini da Silva, Diretor de Planejamento Econômico da Assessoria de  
7 Economia e Planejamento, e dos seguintes membros: Anderson de Souza Sant'Ana, André  
8 Martins Biancarelli, Cesar José Bonjuani Pagan, Claudio Saddy Rodrigues Coy, Matheus da  
9 Silva Marcheti Martins, Ricardo Miranda Martins e Rodolfo Jardim de Azevedo. Havendo  
10 quórum, o SENHOR PRESIDENTE dá início à Centésima Quinquagésima Nona Sessão  
11 Ordinária da Comissão de Orçamento e Patrimônio, realizada de forma híbrida. Submete à  
12 apreciação a Ata da 1ª Sessão Extraordinária de 2023, consultando se há observações. Não  
13 havendo, submete à votação a referida Ata, que é aprovada com 02 abstenções. Em seguida,  
14 submete à apreciação a Ata da 158ª Sessão Ordinária, consultando se há observações. Não  
15 havendo, submete à votação a referida Ata, que é aprovada com 02 abstenções. A seguir,  
16 submete à apreciação a Ata da 2ª Sessão Extraordinária de 2023, consultando se há observações.  
17 Não havendo, submete à votação a referida Ata, que é aprovada com 02 abstenções. Passa à  
18 Ordem do Dia, com 02 itens, e à Ordem do Dia Suplementar, com 01 item. Passa ao item 01 da  
19 Ordem do Dia – 15-D-22147/2023 –, que trata da solicitação de antecipação de recursos pelo  
20 HC no valor de R\$ 12.653.950,69 para custeio de suas atividades de junho e julho de 2023.  
21 Passa a palavra ao senhor Thiago para apresentação dos números. O senhor THIAGO BALDINI  
22 DA SILVA diz que se trata de um pedido de antecipação de recursos ao HC, que informou que  
23 possui uma previsão de recebimento de recursos extra quota-parte do estado de R\$40 milhões.  
24 Como esses recursos ainda não chegaram, eles solicitam uma antecipação para manter as  
25 despesas dos meses de junho e julho. Fazendo um histórico, diz que quando aprovaram a  
26 proposta orçamentária de 2023, o HC recebeu R\$18,4 milhões de saldo das suplementações  
27 extra-quota parte recebidas no final do exercício de 2022. Lembra que no final de dezembro  
28 receberam uma suplementação de R\$10 milhões, o que fez com que sobrasse esse saldo, apesar  
29 de todas as despesas do ano de 2022. E além disso há os R\$13 milhões da quota-parte de custeio  
30 que liberam mensalmente na Universidade, para fazer as despesas do exercício de 2023. Então  
31 essa era a projeção inicial, e com o início de 2023 aconteceu o repasse dos saldos em janeiro.  
32 As liberações foram acontecendo mediante a previsão da proposta orçamentária, mas já no mês  
33 de abril foi necessário, para fechar as contas das despesas do Hospital, antecipação de R\$5,7  
34 milhões, que seriam, na verdade, as parcelas de junho até o final do ano. Então isso aconteceu  
35 em abril e em maio aconteceu a última liberação de recursos orçamentários para o Hospital.  
36 Dessa forma, o que havia sido aprovado na proposta orçamentária já foi repassado até o início  
37 de maio. Além disso, o Hospital teve duas receitas extraordinárias: R\$8 milhões que vieram  
38 como um crédito extra quota-parte de ICMS para o hospital, em uma negociação do HC com a  
39 Secretaria da Saúde. E esse valor já veio repassado em maio, ajudando a fechar as contas. Em  
40 junho, houve um repasse de R\$2,5 milhões, um ressarcimento das despesas que o Hospital

1 acabou gastando com recursos para dentro do IOU. Não tem certeza se esse ressarcimento de  
2 R\$2,5 milhões se refere a seis meses, mas provavelmente é de um período até maior que isso,  
3 que são despesas desde 2022. De qualquer forma, essas são as receitas que aconteceram no  
4 exercício e formalmente o Hospital não tem mais nenhuma receita para receber neste momento.  
5 Pelo lado das despesas, o Hospital está gastando em média R\$7 milhões mensais, entre  
6 empenhos, que são os pagamentos de fornecedores, e as transferências, que incluem desde  
7 custos de telefonia, reprografia, almoxarifado. Essas são as despesas mais ou menos de quanto  
8 o Hospital já gastou no exercício. Juntando tudo, verificam que, apesar do repasse do saldo de  
9 anos anteriores, de R\$18 milhões, esse saldo veio diminuindo e estão em junho com um saldo  
10 de apenas R\$30 mil. É importante dizer que esse saldo está positivo, mesmo porque o sistema  
11 não permite que o Hospital gaste mais do que tem de saldo disponível. Parece um gasto menor  
12 do que está sendo solicitado para junho, mas isso é porque muitas das despesas do mês  
13 provavelmente ainda não foram executadas por falta de recursos. Fizeram uma previsão baseada  
14 na média do que vem sendo executado e o que deve ser executado até o final do ano, e imaginam  
15 que o Hospital feche com R\$42 milhões de déficit. O Hospital encaminhou ontem uma projeção  
16 de fluxo de receitas e despesas, incluindo, além do orçamentário, os recursos do SUS. Com essa  
17 planilha, é possível prever um déficit de R\$51,4 milhões para o exercício. Há um déficit de R\$6  
18 milhões do SUS, dentro do qual o Hospital já está considerando os reajustes inflacionários nos  
19 últimos seis meses, algo que não fizeram no estudo, que teve intenção somente de demonstrar  
20 para a COP qual é a situação atual. O informe da Aeplan indica que o Hospital pede R\$12  
21 milhões, como uma antecipação para fechar os meses de junho e julho. A doutora Elaine vai  
22 explicar melhor como estão essas negociações, mas observa que esses R\$40 milhões  
23 formalmente ainda não existem. Então eles podem chegar a tempo de cobrir essa antecipação,  
24 mas pode ser que não cheguem a tempo, acabem sendo executados e venham outros recursos.  
25 O que é certo hoje é que, caso não arrecade mais, haverá um déficit de mais ou menos R\$40  
26 milhões, R\$50 milhões dentro do Hospital. Passa a palavra para a doutora Elaine. A Professora  
27 ELAINE CRISTINA DE ATAÍDE diz que no final do ano passado o HC conseguiu o  
28 compromisso do Governo do Estado de São Paulo, através da solicitação de alteração de  
29 orçamento, de um valor aproximadamente de R\$40 milhões. Este ano, com a entrada da nova  
30 gestão e prevendo que tinham o mesmo déficit, mas sabendo que o governo nunca vai suprir  
31 déficit, o que é até irregular, propuseram algumas medidas para aumentar a capacidade de  
32 atendimento do Hospital. Por exemplo, colocando que desejam manter ou até aumentar a  
33 capacidade de atendimento de oncologia, porém destacando que o subsídio de um leito de UTI  
34 pago pelo Ministério fica em torno de R\$800, ao passo que o custo diário é de pelo menos  
35 R\$2.500. Fazendo todos esses ajustes e apontamentos, mostraram para eles no começo do ano,  
36 assim que a nova gestão assumiu, que o déficit do Hospital seria de até R\$60 milhões. Na  
37 ocasião, o Secretário de Saúde disse que a ordem do governo era que fizessem nos primeiros  
38 100 dias tudo o que conseguissem do ponto de vista da resolução das necessidades da  
39 população, que é uma coisa que também o HC não vinha fazendo ao longo dos anos e que  
40 começou a fazer logo após a pandemia. E é por isso que surgiu essa solicitação de alteração de

1 orçamento o ano passado. Esses 100 dias já acabaram há mais ou menos 30 dias, e está  
2 buscando, sempre tanto com o braço direito do próprio governo, com a Secretaria de Saúde,  
3 que eles façam essas suplementações baseadas em prerrogativas atuais da população. Uma delas  
4 é a cirurgia cardíaca; soube que houve uma matéria recente sobre cirurgias cardíacas, um  
5 apontamento da imprensa que vai levar na semana que vem à notificação de alguma coisa  
6 referente a isso do Governo do Estado. O Hospital já tinha se proposto a contribuir em R\$46  
7 milhões com essa manobra; já havia sido solicitado o preenchimento de uma tabela, o que  
8 fizeram, então havia essa possibilidade. Além disso, o pedido de aumento de R\$40 milhões do  
9 orçamento foi feito para que pudessem ampliar o número de atendimentos oncológicos  
10 realizados no Hospital. Observa que a rede vai aumentar com essa regionalização, pois vão  
11 começar a atender pacientes de São José dos Campos e de Piracicaba, que não eram da mesma  
12 DRS. Então há como pedir um orçamento a mais, e esse orçamento da oncologia também era  
13 de R\$40 milhões. Paralelo a isso, também solicitaram desde o ano passado, em nível federal, a  
14 elevação do teto MAC. Isso já passou em todas as prerrogativas legais de DRS, entrou no  
15 sistema, passou pela CIB e está no Ministério da Saúde, lembrando que há também a questão  
16 política, e por iniciativa dela junto com colegas estão indo atrás disso. Já sinalizou, inclusive, a  
17 possibilidade de diminuir tudo o que estão fazendo nos últimos meses, ou até fechar leitos, se  
18 esse rearranjo não vier. No pós-pandemia, fizeram mutirões onde os alunos, junto com equipes  
19 *pro bono*, ninguém recebeu por isso, foram até as cidades que se prontificaram, onde eles  
20 tinham uma infraestrutura, tinham pacientes e não tinham RH, no caso cirurgiões. Anestesiastas  
21 nem aqui possuem, mas lá eles conseguiram arrumar. Então foram até esses locais, operaram  
22 pacientes cuja gravidade do caso não cabia em um serviço universitário, que é de alta  
23 complexidade. Então fizeram esse movimento inédito dentro do Estado de São Paulo, quiçá no  
24 Brasil. Também fizeram mutirões de oncologia, outro movimento também que foi inédito,  
25 como fizeram no finalzinho do governo anterior, e quem levou crédito por iniciar isso acabou  
26 sendo São Paulo, no Icesp. A Unicamp fez, no dia 17 de dezembro, atendimento a 157 pacientes  
27 que estavam esperando há pelo menos seis meses em lista com diagnóstico de neoplasia para  
28 dentro. Além disso, também fez mutirão de uma lista enorme que havia de colecistectomia no  
29 estado e atendeu, em um único dia, 1.600 pessoas dentro do Hospital. Contaram com a parceria  
30 da Prefeitura do *Campus*, que mobilizou toda a segurança. E há os mutirões de cirurgias aos  
31 finais de semana, que também estão alavancando tanto as listas internas, quanto a lista do  
32 estado. Esses são movimentos que estão mostrando toda a capacidade do HC da Unicamp; como  
33 sempre estão olhando para os seus problemas, não percebem tanto a dimensão que ele tem, mas  
34 quando vão para fora veem que a dimensão do Hospital é muito grande. Ele hoje é responsável  
35 por 6,7 milhões de habitantes da região, com possibilidade até de aumentar devido à  
36 regionalização. Em razão dessa regionalização, também vão ter de auxiliar a microrregulação  
37 dentro da região, tendo um braço da Cross aqui dentro e ajudando a regular e a otimizar os leitos  
38 de hospital secundário, e até primário, para que a demanda interna que acaba não sendo  
39 totalmente suprida por pacientes de nível terciário consiga auxiliar as cidades. Por serem  
40 Universidade, comprometem-se do ponto de vista de formadores com as equipes de setor

1 primário e secundário a capacitá-los. Já estão fazendo movimentos em Hortolândia e em  
2 Sumaré, para a questão da enfermagem, cuidados locais com alguns cateteres e em algumas  
3 situações de pacientes que vão de alta com condições que foram aqui resolvidas. Então isso é  
4 um resumo geral, pede desculpas se esqueceu de alguma especialidade, caso alguém no HC  
5 esteja ouvindo, mas estão fazendo o máximo para mostrar o quanto são importantes. E isso é  
6 uma coisa que não era feita. Outro movimento, também recente, é de contabilizar todos os  
7 pacientes que chegam na porta do HC, seja por interconsulta, seja por cartas de  
8 encaminhamento, tudo via Cross para que o estado veja o que realmente atendem. A estimativa  
9 é de que hoje o estado vê entre 1/8 a 1/10 do que o que HC realmente atende, como caso novo  
10 dentro dos ambulatorios, o que é mais uma premissa para mostrarem toda a sua capacidade. De  
11 melhorias internas, estão melhorando a capacidade de faturar tudo o que é produzido. Agora  
12 que mudou o sistema, estão vendo que havia uma carência muito grande e estão galgando passos  
13 largos para que isso se resolva. E também criando indicadores em cada área para que elas  
14 possam mostrar por que estão ali, se estão fazendo o máximo e se, porventura, algum problema  
15 aconteça, prevejam e não fiquem apagando incêndio, como é, por exemplo, a situação de hoje  
16 aqui. Apagar incêndio frente a um problema que poderiam ter previsto há mais tempo, no caso  
17 na questão orçamentária. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que a gestão  
18 do Hospital é bastante complicada, e para tentar entender melhor a questão do fluxo, pergunta  
19 ao senhor Thiago como isso funciona na Unicamp, já que inicialmente ele comentou que já  
20 estavam estourando o limite de empenhos do ano. Pergunta se possuem contrato e o valor não  
21 está empenhado; sabe que o orçamento é liberado mês a mês, mas não podem gastar mais do  
22 que o total do empenho, senão teriam de fazer reforço e outras operações. A segunda pergunta  
23 é sobre a temporalidade; entendeu que o problema já aconteceu no início deste mês, com a  
24 liberação, e que estão tentando ver um paliativo que potencialmente resolva o início de junho e  
25 julho, mas a próxima reunião da COP é somente em 31 de agosto. Pergunta se com a decisão  
26 de hoje o Hospital consegue aguentar pelo menos até a próxima reunião da COP, pois não lhe  
27 parece esse o cenário. O senhor THIAGO BALDINI DA SILVA diz que os empenhos  
28 acontecem até o saldo, então não há nenhum estouro de empenho até o momento. O que mostrou  
29 foi o déficit, que são os recursos que vêm sempre tratando na COP, de custeio geral,  
30 desconsiderando contratos. Os contratos do HC que entram nas linhas de contrato, serviços de  
31 manutenção contínua, já tiveram recursos garantidos no início do ano, então todos esses valores  
32 estão empenhados. Esse custeio se refere mais àqueles gastos fixos do Hospital, principalmente  
33 medicamentos, material médico, itens de consumo, material de almoxarifado, que devem ter  
34 contratos, mas a compra de fato dos itens é feita mês a mês. Sobre a temporalidade, quando fez  
35 a informação, pensou no fato de que a próxima reunião seria somente em agosto, e quando  
36 trouxe na apresentação que o Hospital gasta R\$7 milhões por mês, foi para pensarem nisso. Não  
37 quis induzir a COP a aprovar um valor maior do que os R\$12 milhões que estão sendo pedidos  
38 para junho e julho, mas talvez tenham de pensar em pelo menos mais o mês de agosto. Em  
39 agosto há a reunião da COP onde entra a segunda revisão orçamentária, e então vão poder  
40 verificar o que chegou ou não e fazer um balanço. A Professora ELAINE CRISTINA DE

1 ATAÍDE observa que está havendo uma mudança do almoxarifado do HC, assim como os da  
2 Universidade como um todo. O edital está prestes a ser publicado, e dentro dessa mudança do  
3 almoxarifado, não tinham colocado o planejamento, e não vão colocar. Esse planejamento  
4 recentemente mudou para a DS, por isso pode ser que nessa transição dos planejamentos ainda  
5 haja alguma questão como a mencionada pelo professor Rodolfo, mas para o ano que vem essas  
6 questões do insumo já devem estar licitadas e não ter nenhum tipo de surpresa em relação a  
7 compras de emergência ou a planejamento. Descobriram que esse planejamento era aquém da  
8 necessidade de um hospital do tamanho do HC. Estão com uma equipe que nos próximos meses  
9 fará o planejamento com tempo independente da questão do AGHUse, que é uma ferramenta  
10 que será crucial na gestão hospitalar. Por enquanto, ainda possuem arestas como essa, levando  
11 a um questionamento bem atual e necessário como o do professor Rodolfo. O Professor  
12 RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que há uma questão de temporalidade, e a diferença  
13 de R\$1 milhão para R\$6 milhões foi por causa da questão do almoxarifado nesse primeiro  
14 período e está entendendo que os contratos, no caso de insumos, são ao estilo ata, que não  
15 demandam empenho prévio, eles vão sendo feitos sob cada um desses contextos. O senhor  
16 THIAGO BALDINI DA SILVA confirma que são atas de registro de preço, e o Hospital vai  
17 solicitando na medida da necessidade do seu estoque. O Professor RICARDO MIRANDA  
18 MARTINS diz que na apresentação do senhor Thiago ficou bem clara a situação e como ela é  
19 crítica. Particularmente sempre é favorável a esses pedidos de valores extras para o HC, mas  
20 precisam tomar alguns cuidados. A doutora Elaine comentou que o Governo do Estado vê mais  
21 ou menos 1/8, 1/10 das demandas do HC, e queria tentar entender melhor isso, porque acha que  
22 deveriam dar esse recado com mais ênfase para o Governo do Estado, o Ministério da Saúde,  
23 da quantidade de aportes extras que a Unicamp tem feito do seu orçamento. Porque é um  
24 orçamento da Universidade, o HC é da Universidade, então também é um orçamento do HC,  
25 mas são coisas não previstas. Então, o quanto a Unicamp, ao longo de um ano fiscal, tem de  
26 complementar o orçamento para o HC sobreviver e atender a população com a qualidade que  
27 tem atendido. O Hospital de Clínicas é reconhecido pela qualidade do trabalho, e ele acaba  
28 atendendo, mas deveriam explicar melhor para o Governo do Estado que precisam de mais  
29 recursos chegando na Unicamp para atender essa área. Sabe que a Reitoria tem feito um esforço  
30 para isso, sempre quando vem algum deputado aqui levam ao HC para mostrar o serviço, e  
31 provavelmente devem explicar que ele está subfinanciado, mas acha que junto com essa  
32 possível aprovação da COP precisam levar melhor o problema para o Governo do Estado. Essa  
33 questão dos 100 dias é típica do gestor, de mandar fazer o que der, e se acabar o valor que  
34 voltem para solicitar mais. No entanto, os 100 dias já acabaram faz tempo, e tem receio de que  
35 os mandem fazer mais 100 dias, então acha que devem insistir um pouco nisso de pedir um  
36 *feedback* maior para o Governo do Estado. Recentemente, quando receberam a visita da  
37 Ministra da Saúde, houve uma conversa no sentido de pedir aumento do teto, e agora há mais  
38 chances pelo fato de o atual governo ser mais alinhado com valorização da ciência e pesquisa,  
39 então talvez seja um bom momento. Além disso, precisam continuar lutando pelo reajuste da  
40 tabela de procedimentos do SUS, um problema histórico que não conseguem resolver. Até lá,

1 precisam continuar suplementando o HC, mas isso sempre gera um certo desconforto na  
2 comunidade universitária. Todos ficam comovidos com a situação, mas percebem que é um  
3 dinheiro orçamentário que no momento não está fazendo falta para outras demandas da  
4 Universidade, já que possuem algum recurso de reserva. É uma situação que, em momentos de  
5 crise, gera bastante confusão na Universidade, mas não há muito o que fazer. A Professora  
6 ELAINE CRISTIAN DE ATAÍDE diz que colocou um alarme em seu celular após o fim dos  
7 100 dias, para lembrá-la todos os dias de que houve essa promessa, que na ocasião fez questão  
8 de que ficasse registrada no “Correio Popular”, que embora seja só de Campinas, não deixa de  
9 ser uma mídia. Segunda-feira o secretário vem à Unicamp e já chamou o “Correio Popular”  
10 para perguntar para o secretário sobre o dinheiro que foi prometido. Paralelamente a isso, todas  
11 as conversas que vêm tendo com a Secretaria não eram, até então, conversas com uma certa  
12 maturidade. Existe uma crença de que, como o HC não é um hospital autárquico, ele está dentro  
13 da Universidade, a Universidade tem recursos que poderia passar a ele. Então externamente não  
14 se dá tanta importância porque quando a situação apertar, a Universidade suplementa. No  
15 entanto, já mostrou para eles várias vezes, inclusive contando com a ajuda do senhor Thiago,  
16 onde estava indo o dinheiro, levou as tabelas da Aeplan para o pessoal da Secretaria e mostrou  
17 que se hoje o Hospital não tem recursos, é porque o que lhes foi destinado do ponto de vista  
18 legal já acabou, tendo sido utilizado inclusive com RH. Por não serem autarquia, o RH aqui é  
19 muito mais caro do que o RH de um outro hospital que tem uma visibilidade. Está participando  
20 de reuniões junto com outras autarquias e vê que a conversa sobre RH, os valores pagos para o  
21 RH e a flexibilidade, muito engessada de que os RHs têm, é totalmente diferente. A começar  
22 pela enfermagem, por exemplo, um dos principais fornecedores de RH, ela trabalha 40 horas e  
23 vai aumentar agora o salário para R\$7.700. No HC a jornada é de 30 horas e já pagam R\$10  
24 mil no mínimo para essa enfermagem. Esse é um benefício que estão concedendo aos  
25 funcionários e não vão voltar atrás nisso. O HC não é autarquia, possuem dentro da  
26 Universidade essa prerrogativa e eles têm de entender que se eles quiserem continuar contando  
27 com o Hospital de Clínicas como uma mão de obra do estado para suprir as necessidades dos  
28 pacientes do estado, eles terão de fazer essa contribuição, e eles já entenderam. Na Aeplan  
29 existem vários gráficos mostrando o quinhão que gastam com RH, que é o quinhão que se gasta  
30 em termos de porcentagem em qualquer hospital público ou privado, e eles entendem que  
31 aquele valor é suplantado. Em relação ao teto, sua opinião é que aumentar o teto SUS para toda  
32 a comunidade vai quebrar o SUS e poderão ter ainda os mesmos problemas ou até piores que  
33 os que possuem hoje. Então, o que vê é que as suplementações que o SUS já faz, os incentivos  
34 que o Ministério já faz devem ser revistos. É isso o que pedem. Por exemplo, eles pagam R\$900  
35 por uma UTI em um hospital terciário; em lugar nenhum uma UTI de um hospital terciário,  
36 quaternário, como é o do HC, que utiliza tecnologia avançada, cujos insumos são importados,  
37 acaba sendo menos do que R\$2.500. Vêm apontando tudo isso e existe uma possibilidade real  
38 de que esse teto aumente, mas não de forma geral. Está solicitando o aumento do teto para o  
39 HC. Já avisou para todas as instâncias que estão batalhando para que isso também aumente,  
40 mas já falou para o Governo do Estado que aumentar teto pode ser algo mais demorado, ao

1 passo que uma solicitação de alteração de orçamento é uma coisa que, se todos fizerem sua  
2 parte, pode estar em um mês na conta. Então é isso que está buscando agora. Vai pedir para que  
3 o professor Sarti e o senhor Thiago a acompanhem na segunda-feira durante a visita do  
4 Secretário de Saúde, o doutor Coy também vai estar presente, para que falem da situação crítica  
5 em que o Hospital está. Porque o próximo passo vai ser levantarem a possibilidade de fechar  
6 leitos, algo que não pretendem fazer, mas talvez assim possam vê-los com premência. Soube  
7 que o Hospital do ABC recebeu o incentivo com essa mesma premissa de que iria fechar alguns  
8 leitos, então vão seguir o exemplo e talvez tenham de seguir essa mesma normativa. Pretendem  
9 mostrar na segunda-feira que o que recebem para a Saúde está destinado à Saúde, e não deixar  
10 que essa confusão os deixe com essa insegurança se o dinheiro vem ou não vem. Porque isso  
11 corre nos bastidores; falou com o Chefe da Casa Civil, que se prontificou a falar com o  
12 Governador, eles concordaram em liberar os R\$40 milhões, mas houve pessoas falando para  
13 eles que a Universidade tem dinheiro. Então enviou todas as tabelas para mostrar que esses  
14 recursos não são do HC, e que se solicitarem à Universidade uma alteração orçamentária,  
15 estarão adquirindo o recurso de outra unidade, o que não é factível. O senhor MATHEUS DA  
16 SILVA MARCHETTI MARTINS diz que sente dificuldade de entender como o estado ainda só  
17 percebe 10% do que o HC faz. A senhora ELAINE CRISTINA DE ATAÍDE esclarece que isso  
18 acontece por várias facetas, sendo uma delas o faturamento, que não é baseado na quantidade  
19 de pacientes internados, em produtividade, mas em valor. Por exemplo, se hoje internarem duas  
20 crianças com uma terapia genética e cada uma delas usar uma droga de ponta de R\$4,5 milhões  
21 cada uma, e faturarem esse medicamento, o HC faz tudo o que precisa fazer no mês atendendo  
22 só a duas pessoas, porque a meta é financeira e não de produção. Essa medicação existe e  
23 frequentemente são acionados para pagar, mas encontram uma forma via justiça de não fazer  
24 esse pagamento. Ao longo dos anos, foram atingindo a meta financeira, que tinha de ser pelo  
25 menos 85% do que realmente faziam. E os processos eram manuais, agora que estão saindo um  
26 pouco dos processos manuais e fazendo um planejamento melhor dentro dos locais onde se faz  
27 planejamento, trocando pessoas vitais ali, com processos de trabalhos modernos, já está  
28 aumentando a produção. A visão da empresa que está dando consultoria é que o Hospital  
29 faturava e mostrava apenas 40%. Porque na visão de quem faturava, se ganham R\$10 milhões  
30 e chegam nos R\$8,5 milhões, está resolvido o problema, vão receber os R\$10 milhões. Então  
31 pode ser que ao longo dos anos, e foram muitos, ao trabalhar só com a produtividade financeira  
32 e não com a produção em si, tenha havido esse problema. Em relação ao que é  
33 extraorçamentário, que chamam de Faec, que sempre produziram, e aí que acabavam  
34 recebendo, mesmo nesse quesito, quando começaram a mudar a cultura, a solicitar índices  
35 dentro de cada setor, essa produção do início do ano até agora dobrou. Então hoje do que seria  
36 contratado, porque ocorre uma expectativa mínima desses extratetos, já fazem o dobro, e a  
37 expectativa é de que mostrem isso. Outra coisa que também os deixa sem mostrar o que podem  
38 é a falta de contabilizar os pacientes atendidos, por isso, a partir de 1º de agosto, farão um  
39 movimento que está tendo uma participação muito boa de toda a equipe do Hospital para que  
40 todo paciente que chegue via carta de encaminhamento, um paciente muito grave, que um

1 colega gostaria de encaminhar para cá, liga para alguém daqui, que concorda em receber, faz a  
2 triagem, automaticamente seja inserido na Cross para que ela veja que ele chegou. A porta é  
3 aberta, e 70% por cento dos pacientes que entram pela porta aberta e das internações ninguém  
4 vê que eles entraram, porque não veem isso como um caso novo. Pela razão de que não é pela  
5 produtividade, é só pelo valor utilizado em relação ao faturamento. Então, mesmo esses  
6 pacientes que entram pela porta, se eles foram internados, vão ter sua ficha na Cross inserida.  
7 Também haverá mudança nos casos internos; faz transplante de fígado, e precisa que o paciente  
8 passe com nefrologista porque o imunossupressor vai levar que esse paciente também precise  
9 de transplante renal no futuro. Quando envia, a central não vê que tem esse caso, mas agora vão  
10 colocar. Então, a perspectiva é de que aumentem, do ponto de vista deles, uma média de 1.500  
11 a 2.000 casos novos por mês a partir do momento em que consigam regulamentar todo esse  
12 trâmite burocrático. Estão pleiteando e já conseguiram, via Secretário de Saúde, uma senha  
13 interna com a qual possam visibilizar para fora tudo o que é feito aqui. O senhor MATHEUS  
14 DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que ficou muito mais claro agora, não tinha noção de  
15 que era só questão de faturamento mesmo, não por número de atendimento. A Professora  
16 ELAINE CRISTINA DE ATAÍDE diz que o ambulatório é por número, mas os valores pagos  
17 por atendimento no ambulatório são R\$7, R\$3, R\$1,40, algum exame R\$0,70, mas nesse caso  
18 é por volume. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que mesmo assim  
19 não paga. A Professora ELAINE CRISTINA DE ATAÍDE confirma e diz que, por exemplo,  
20 têm contratadas para serem feitas 200 tomografias de abdômen, mas fizeram mais de 1.000.  
21 Além disso, recebem por exame R\$90, sendo que o custo é R\$270. Agora com essas  
22 discrepâncias sendo catalogadas, levarão tudo para a Secretaria e eles estão vendo a  
23 possibilidade de fazer o aporte do que está ficando aquém. Isso não aconteceu até hoje muito  
24 porque também não viam esses dados, já que não tinham tudo computadorizado, como têm  
25 agora. Agora conseguem mostrar que se forem aumentar a capacidade de atendimento  
26 oncológico, vão precisar aumentar ainda mais a oncologia e a tomografia para fazer o  
27 diagnóstico. Hoje já existe uma diferença de 1.000 exames, vão dobrar para 2.000, então vão  
28 dizer que precisam que lhes paguem o valor real de 2.000. A conversa tem de ser de empresa  
29 privada para empresa privada, porque não adianta acharem que o dinheiro do SUS aparece do  
30 nada. Precisam gastar aquilo que vem, e se estão gastando, vão ter de pedir. Também está errado  
31 fazer o contrário, que seria diminuir, fechar leito e ficar encolhendo, porque assim o dinheiro  
32 nunca vem. A premissa é o contrário: é mostrar que estão fazendo, estão se mostrando  
33 necessários e precisam cobrar, porque senão vão fechar leitos e não poderão mais suprir essa  
34 necessidade que estão mostrando que cada vez é mais alta. É assim que as coisas acontecem.  
35 Se mexerem com o que é pequeno, eles falam para manterem da forma como está e não os  
36 procurarem a todo momento. O Professor CLAUDIO SADDY RODRIGUES COY observa  
37 que essa questão da informalidade ainda tem um outro problema, que é o fato de a Secretaria  
38 de Saúde achar que o HC não atende as necessidades dela. Não faz parte da gestão, mas tem  
39 acompanhado a preocupação que estão tendo de informatizar todos os processos para  
40 efetivamente fazer o faturamento do que é realizado e colocar todo o atendimento no sistema



1 Cross, para que a Secretaria veja que atendem às necessidades da DRS. Porque, como a doutora  
2 Elaine falou, quando algum colega encaminha paciente, fazem o atendimento, mas isso não  
3 aparece em lugar nenhum. Então há esse esforço da superintendência do HC, que a Reitoria tem  
4 apoiado, principalmente com relação à parte de Informática, para deixar isso cada vez mais  
5 claro e mais evidente para todos e, principalmente, para a Secretaria de Saúde. Claro que eles  
6 enxergam o que é feito aqui, informalmente também eles sabem o movimento que tem etc., mas  
7 precisam demonstrar isso. Se reduzem o número de leitos, não fazem o que está contratualizado,  
8 então isso é um problema, não atingem os 85% a que a doutora Elaine se referiu. O senhor  
9 THIAGO BALDINI DA SILVA diz que o pedido é de R\$12 milhões para os meses de junho e  
10 julho, então talvez possam, se todos estiverem de acordo, fazer a votação de R\$12 milhões  
11 como um aporte inicial para junho e julho, e no início de agosto fazem um aporte de R\$7  
12 milhões, caso não cheguem esses R\$40 milhões. Caso cheguem, isso se torna um capital de  
13 giro, uma antecipação, e o restante, se for necessário, tratam na segunda revisão, no final de  
14 agosto. Então a sugestão é de fazer a votação dividida em dois itens: os R\$12 milhões da  
15 solicitação mais um recurso para agosto de R\$7 milhões. O senhor MATHEUS DA SILVA  
16 MARCHETTI MARTINS diz que no documento que consta na pauta o HC coloca que vai  
17 descontar os R\$12 milhões dos R\$40 milhões, mas pela previsão do próprio Hospital, que o  
18 senhor Thiago apresentou, estão falando em déficit de R\$51 milhões. Então talvez nem caiba  
19 descontar esses R\$12 milhões dos R\$40 milhões, teriam de somar e deixar o desconto dos R\$7  
20 milhões extras que estão sendo propostos. A Professora ELAINE CRISTINA DE ATAÍDE  
21 esclarece que o desconto seria entre recursos extraorçamentários, porque no ano passado, como  
22 receberam orçamentário do estado, fecharam em um superávit orçamentário de cerca de R\$13  
23 milhões, porém em uma deficiência do extraorçamentário, que é o repasse do SUS. Isso é uma  
24 coisa. O que vêm fazendo, com a parceria da PRDU, é tentar diminuir a folha de pagamento  
25 Funcamp, pois esse extraorçamentário que vem pelo Ministério hoje está totalmente  
26 empenhado com folha de pagamento, principalmente por causa dos dissídios dos últimos dois  
27 anos. Estão fazendo uma manobra para obter algum tipo de descompressão dessa parte da  
28 Funcamp para que tenham mais recurso extraorçamentário. No entanto, vale lembrar que a  
29 batalha para aumentar o teto também está em vigência, inclusive está em contato com vários  
30 senadores para solicitar esses R\$4,5 milhões. Então, concorda com a observação do senhor  
31 Matheus, mas a ideia é conseguir equalizar e chegar no final nos R\$40 milhões, pois dessa  
32 forma o extraorçamentário também está sendo coberto. O senhor THIAGO BALDINI DA  
33 SILVA diz que como essa parte das suplementações do estado e mesmo o aumento do teto  
34 ainda são incertas, colocar como uma antecipação pode ser até uma informação para o próprio  
35 estado de que a Universidade já está pondo porque ele está demorando para fazer esse repasse.  
36 É claro que se no final do ano chegarem com déficit mesmo de R\$40 milhões, terão como  
37 cobrar. Então, poderiam votar a suplementação de R\$12 milhões e o que precisarem a mais,  
38 trabalhar uma espécie de capital de giro; ou colocar R\$19 milhões como capital de giro, é a  
39 COP quem define. O SENHOR PRESIDENTE diz que lhe parece que a proposta de já incluir  
40 os R\$7 milhões agora vem junto, inclusive, com a segunda revisão orçamentária, onde terão a

1 informação de um possível aporte ou não, inclusive da sequência da arrecadação até lá. O  
2 senhor THIAGO BALDINI DA SILVA diz que o senhor Matheus sugeriu deixar os R\$12 como  
3 suplementação e só os R\$7 milhões entrarem na antecipação, caso entrem R\$40 milhões eles  
4 fiquem com R\$52 milhões para fechar o ano. Sua proposta é que tanto os R\$12,6 milhões para  
5 agora quanto os R\$7 milhões para agosto entrem no sentido de antecipação. O Professor  
6 RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que prefere a proposta do senhor Thiago, considerar  
7 tudo como adiantamento, e na revisão orçamentária, se for necessário, fazem os devidos ajustes.  
8 O SENHOR PRESIDENTE diz que então vão chamar de antecipação, e não de suplementação,  
9 para reforçar o argumento junto à Secretaria, com um valor total de R\$19,653 milhões para os  
10 meses de junho, julho e agosto. Não havendo mais observações, submete à votação a matéria,  
11 que é aprovada com 06 votos favoráveis e 01 abstenção. Agradece a presença da doutora Elaine  
12 e faz a ela um elogio público do seu esforço, não apenas em termos da busca de recursos, mas  
13 pela reestruturação que está sendo realizada, que já está sendo e vai ser fundamental para o HC.  
14 Acha que ganha a Instituição como um todo. A COP tem sido sensível a isso, não são de hoje  
15 as dificuldades encontradas na área da Saúde, em particular no HC, mas precisam registrar  
16 todos os esforços. A COP aprovou recursos para o AGHUse, que foi uma iniciativa também  
17 fundamental, assim como o recurso para a consultoria, de cujas apresentações também  
18 participaram na semana passada. Uma parte dos problemas está sendo encaminhada, o que não  
19 resolve totalmente, mas certamente os ameniza. A Professora ELAINE CRISTINA DE  
20 ATAÍDE agradece e diz que está tendo bastante sorte nesta gestão, porque tem a parceria da  
21 Reitoria. Inclusive estão com um professor do Instituto de Economia que se disponibilizou a ir  
22 ajudá-los, por indicação do professor Fernando, a reestruturar uma questão financeira do ponto  
23 de vista técnico, ele vai ficar de carreira lá, junto com o sistema integrado do AGHUse, que tem  
24 certeza de que o professor Dahab vai conseguir resolver, já tendo feito muitos esforços nesse  
25 sentido. A Aeplan também está indo lá semanalmente, na linha de frente para ajudar a ver o que  
26 podem melhorar. Então, toda a Universidade está auxiliando o HC, por isso não tem como dar  
27 errado. Também como parceiro na Faculdade de Ciências Médicas tem o professor Coy, que  
28 foi seu professor, que é da área, então tem muita sorte e agradece a todos. Tem a certeza de que  
29 poderão ajudar cada vez mais pessoas e até ampliar o Hospital daqui a alguns anos. O SENHOR  
30 PRESIDENTE passa ao item 02 – 01-D-46495/2022 –, que trata da solicitação de recursos pela  
31 Citic no valor total de R\$ 92.510.788,79 para contemplar diversas demandas institucionais na  
32 área de Tecnologia da Informação da Universidade. Essa demanda faz parte do planejamento  
33 de investimentos na área de Tecnologia de Informação na Universidade. Tem já há algum tempo  
34 chamado a atenção para a importância de pensar na questão das TICs, e hoje estão aqui muito  
35 bem representados pelos professores Ricardo e Rodolfo. Sem investimentos em TI, a  
36 Universidade não consegue conversar com os órgãos de controle, e ela também precisa desse  
37 suporte para as pesquisas, para as atividades de ensino e para as atividades administrativas. É  
38 desnecessário dizer aqui como a questão das tecnologias digitais avançou muito e uma  
39 universidade como a Unicamp, evidentemente, não pode ficar atrás, e precisa ter esses  
40 investimentos seja no desenvolvimento, seja como usuária. Passa a palavra ao professor Ricardo

1 Dahab, que coordena a Citic, para que ele faça uma breve exposição sobre as demandas na área  
2 do ponto de vista do investimento. O Professor RICARDO DAHAB diz que fará uma breve  
3 exposição resumindo o que têm feito, as iniciativas e dispêndio de recursos e depois o que estão  
4 solicitando nesta reunião da COP. Existe um caráter transversal muito forte da TIC na  
5 Universidade para todas as atividades, pesquisa, ensino, extensão, assistência à saúde e as áreas  
6 administrativas. Praticamente não há nenhuma atividade hoje na Unicamp que prescindia de  
7 algum tipo de recursos de TIC. Isso é uma coisa que vem crescendo, de acordo com o gráfico  
8 que mostra, retirado da uma *review* do MIT, a partir dos anos de 1980 lentamente, mas a  
9 previsão deles para os próximos anos é muito dramática, que em 10 anos esse crescimento vai  
10 ser exponencial, já estão testemunhando isso com notícias, a forma como a TI em geral ajuda  
11 em várias atividades, e não só ajuda, mas se tornou o centro de muitas atividades. Precisam, de  
12 fato, manter um olhar muito atento a isso para munir a Unicamp de recursos, de forma que  
13 continuem atraindo os melhores alunos e professores, além de manter assistência de qualidade  
14 e administração eficiente. A doutora Elaine já mencionou o impacto disso na área da assistência,  
15 e observa que o AGHUse está sendo implantado em toda área hospitalar, não somente no HC.  
16 Esperam que ao final dessa jornada, no meio do ano que vem, tenham uma visão de toda a área  
17 da saúde integrada, com pacientes sendo vistos em todas as unidades e transitando por ela sem  
18 muito problema. Esta é uma frase que foi tirada desse IMT *review*: “Passamos a precisar de  
19 novas estratégias para lidar com os diversos futuros distintos que emergem e que chegam cada  
20 vez mais rapidamente”. Em relação à importância estratégica, se olharem nos 13 objetivos do  
21 planejamento estratégico da Universidade, em praticamente todos há algum tipo de  
22 contribuição da TI para a consecução desses objetivos. Em particular o 12, de aperfeiçoar e  
23 modernizar o modelo de gestão administrativa e acadêmica que garanta o bom desenvolvimento  
24 das atividades-fim. Essa não é a única, mas é uma das mais dramáticas. Precisam atingir  
25 algumas coisas que estão no planejamento estratégico e que no momento não estão conseguindo  
26 atingir com os melhores resultados. A taxa de satisfação de serviços terceirizados na  
27 Universidade e a taxa de satisfação com os serviços internos são coisas que em alguns casos  
28 sabem intuir que não são as melhores, e não sabem muito o que fazer, mas certamente tendo  
29 uma TI mais ativa, mais saudável, vão conseguir, com sistemas mais robustos, alcançar esses  
30 objetivos de fornecer à Universidade um serviço de qualidade e fazer com que, de certa forma,  
31 sejam como aqueles juizes de futebol que são invisíveis, que atuam sem ser notados, algo que  
32 hoje já é um pouco melhor. Por exemplo, do ponto de vista de conectividade com o mundo  
33 externo, hoje possuem duas conexões a 100 Gigabits por segundo que não tinham até o ano  
34 passado. Além da conexão de 10 Gigabits que os sustentava com problemas, mas que os  
35 mantinha ativos, que lhes possibilitava trabalhar, hoje possuem duas de 100 Gigabits por conta  
36 do *backbone* São Paulo e de um novo *link* da RNP, e vão receber um terceiro ainda. Dessa  
37 forma, problemas de conectividade, aquele problema de ficar fora do ar, cair de repente, voltar  
38 só daqui a dois ou três dias porque um caminhão esbarrou na fibra que estava lá em Barão  
39 Geraldo, esse tipo de coisa vai ser minimizado e espera que fiquem mais transparentes. O  
40 histórico recente de investimentos com apoio da gestão tem sido bastante relevante. De 2017 a

1 meados de 2021, não houve grandes investimentos, basicamente por restrições orçamentárias,  
2 por causa da pandemia, que não possibilitava grandes movimentações e grandes iniciativas, e  
3 uma governança relativamente fraca que ainda perdura. Estão tomando algumas iniciativas,  
4 algumas medidas para melhorar especialmente a governança de TIC na Universidade, mas esse  
5 período criou uma demanda reprimida muito forte, e que estão procurando suprir desde 2021.  
6 O resumo apresentado no *slide* mostra que desde maio de 2021 gastaram cerca de R\$57 milhões  
7 em parte com serviços, em parte com investimentos que ficam aqui para melhorarem a  
8 infraestrutura. Algumas ações são a renovação de licença Google Work Space; implantação do  
9 AGHUse, que foi uma liberação de R\$11 milhões, mas compromissados mesmo foram R\$9  
10 milhões; a plataforma de gestão de APIs, que tinham orçado em R\$2 milhões, passou o pregão  
11 e tiveram de fato um gasto de R\$300 mil; o PATC de 2022, que é o Programa de Atualização  
12 Tecnológica, reativado em 2021, mas cujos dispêndios vieram em 2022, e até agora somam  
13 R\$16 milhões. Atualização do *backbone* da Unicamp tem uma estimativa inicial de R\$10  
14 milhões, mas fechou o pregão com R\$4 milhões, basicamente. A atualização da nuvem da  
15 Unicamp foi para pregão agora e esperam um valor substancialmente mais baixo do que os  
16 R\$16 milhões apresentados na tabela; e a renovação dos contratos de PATC essenciais, que são  
17 serviços contínuos, foram de R\$8 milhões efetivamente. Então possuem um total de R\$57  
18 milhões de dispêndios desde maio de 2021 com um saldo em termos de valores aprovados que  
19 pretendem remanejar para outros investimentos. A Citic tem de se preocupar com tudo o que  
20 tem a ver com TIC, de pessoas a equipamentos, a planejamento, quantos computadores são  
21 necessários etc. A curva do gráfico exibido no *slide* mostra que terão muitos computadores  
22 conectados, sejam eles *desktops*, sejam computadores mais simples, sejam celulares, sejam  
23 elementos da internet das coisas. Com isso, certamente esse tráfego cresce explosivamente,  
24 enquanto a energia demandada pelos sistemas não necessariamente precisa crescer  
25 explosivamente, porque estão caminhando para uma substituição gradativa de sistemas locais  
26 para sistemas na nuvem. Passam a pagar serviços na nuvem e essa energia que é despendida  
27 internamente tende a diminuir. Gasto em refrigeração é a mesma coisa, pela mesma razão.  
28 Sistemas vão aumentar, como disse, mas provavelmente via serviço em nuvem. Há várias  
29 perguntas que podem ser feitas, preocupações da equipe, qual é o perfil do profissional, a  
30 governança, precisam se preocupar com tudo isso, e existe custo. A partir da segunda metade  
31 de 2022, após a aprovação do Plano Plurianual de Investimentos - PPI, foram incentivados pela  
32 PRDU a fazer investimentos mais pesados na área de TI, buscando suprir essa demanda  
33 reprimida, mas também preparar a Universidade para os próximos três a cinco anos, e deixar  
34 uma infraestrutura mais moderna e uma governança efetiva para os próximos anos. Fizeram um  
35 levantamento das demandas de toda a Universidade; ao contrário do PATC, que antigamente  
36 tinha como foco a Administração Central, olharam para toda a Universidade dessa vez. Existia  
37 uma visão que sempre imperou na Universidade de que a Administração Central provia um  
38 mínimo e o restante mais ou menos se virava como podia. O que acontece é que em TIC isso  
39 cria uma situação de desigualdade que torna a governança muito difícil, que torna essa  
40 fragmentação da área de TI muito mais dramática, muito mais difícil de gerir e os gastos são

1 muito maiores, porque há replicação e todo tipo de dispêndio não necessário. Além do mais,  
2 veio a nova lei de licitações que está dizendo que ou se planejam ou não vão conseguir comprar.  
3 Então fizeram o esforço de levantar demandas para toda a Universidade para poder consolidar  
4 essas compras, fazer compras centralizadas. E centralizadas não é no mau sentido, mas no  
5 sentido de planejadas e na medida do possível padronizadas também. Os montantes são  
6 vultosos, mas os desafios não são menos substanciais. Nesta solicitação para a COP, estão se  
7 atendo somente ao que chamaram de demandas institucionais, que são demandas mais ou menos  
8 individuais. Basicamente, são demandas da Citic e do CCUEC que provêm os serviços básicos  
9 de infraestrutura de TIC da Universidade. Então são investimentos que têm impacto em toda a  
10 Universidade; às vezes são demandas de órgãos ou de projetos em particular, mas com impactos  
11 em toda a Universidade, por isso resolveram juntar tudo nesta solicitação. Há demandas de  
12 infraestrutura de redes e conectividade, infraestrutura elétrica e de refrigeração do *datacenter*  
13 do CCUEC, sistemas de informação, serviços e ferramentas, serviços e contratos que são pagos  
14 ano a ano. Além disso, infraestrutura computacional, capacitação de pessoal, comunicação  
15 institucional e ensino e pesquisa. Então, exceto por sistemas de informação, serviços e  
16 ferramentas, praticamente todos esses itens são de investimentos únicos. Dividiram em duas  
17 grandes tabelas: os investimentos em infraestrutura, como mencionou, redes e conectividade,  
18 energia, troca de sistemas de gestão de energia inclusive para tornar a gerência disso mais  
19 racional. Em vez de deixar para cada unidade se conectar ao *backbone*, estão comprando  
20 equipamentos para todas as unidades, padronizando a rede de forma que possam gerenciar toda  
21 a rede da Universidade remotamente. Para isso, precisam de equipamentos padronizados,  
22 rodando o mesmo tipo de *software*, e não deixar que cada unidade faça a sua conexão, que  
23 inclusive traz problemas de segurança. Ocorreram quedas de parte do *backbone* exatamente por  
24 má configuração desses equipamentos de conexão ao *backbone*. Inclui refrigeração do  
25 *datacenter*, alguns projetos, como o *Campus 5.0*, um *software* de transcrição mais sofisticado  
26 do que os do Meet ou do Zoom, que vai ajudar as pessoas a fazerem atas, mas muitas outras  
27 coisas, é uma demanda de várias unidades. De infraestrutura computacional, uma solução de  
28 *backup* mais profissional; possuem hoje uma solução que é difícil de usar, que gera muita  
29 reclamação. Também consta um adicional à nuvem computacional da Unicamp; já haviam  
30 alocado R\$16 milhões, estão pedindo mais R\$4 milhões em razão de um aumento de demanda  
31 de várias áreas. O plano é manter a nuvem computacional da Unicamp para atividades de  
32 pesquisa e migrar, aos poucos, toda a área administrativa para nuvens públicas. A razão pela  
33 qual desejam manter a nuvem aqui para a área de pesquisa é porque muitas vezes convênios de  
34 pesquisa têm restrições sobre o uso de nuvens públicas, restrições de sigilo e, portanto, exigem  
35 que utilizem suas infraestruturas locais. A readequação da Secretaria de Comunicação é um  
36 item que demanda investimentos pesados, não só em infraestrutura predial, mas também em  
37 equipamentos. O sistema Gees do Cepagri caiu nesse primeiro grupo. Dentre os serviços, o  
38 primeiro item ficou um pouco deslocado, registro de preços de aparelhos IP, pois tinham uma  
39 perspectiva de fazer locação de aparelhos IP, hoje não vale mais a pena, já que os aparelhos  
40 ficaram muito baratos, e dessa forma estão preferindo fazer um registro de preços. E uma

1 contratação de *software* para gestão de projetos de toda a Universidade, solicitação de serviços;  
2 a Unicamp vai utilizar o mesmo *software* e assim poderão ter uma visão geral da Universidade,  
3 do que está sendo feito em termos de projetos e ter uma ideia de como as unidades e os órgãos  
4 estão tratando isso. No que se refere a desenvolvimento de sistemas usando metodologia ágil,  
5 estão contratando equipes para desenvolver *softwares*, e conseguiram dar conta de um *backlog*  
6 de alguns sistemas centrais para a Reitoria e para outros órgãos centrais. Há uma plataforma de  
7 *chat bot* que está sendo muito útil hoje em várias áreas, há diversos *chat bots* que foram  
8 desenvolvidos recentemente pelo Centro de Computação para o Cecom e para outros órgãos e  
9 que estão realmente sendo úteis para aliviar um pouco a carga de atendimento desses órgãos.  
10 Também um GitLab profissional para toda a Universidade e licenças de Power BI, entre outras  
11 coisas. Há um edital que é resultado do GT que trabalhou por quase dois anos na modernização  
12 de toda a infraestrutura e da forma de operação dos cartões da Universidade, de forma que  
13 possam utilizar não só os cartões, mas a autenticação facial e outras formas de autenticação e  
14 operação. Onde hoje utilizam cartões, poderão usar uma forma mais moderna. Isso por locação,  
15 por 30 meses, é bastante substancial; a outra hipótese de comprar cartões é mais cara. O estudo  
16 desse GT, que teve participação da DGA, do CCUEC e de outros órgãos, concluiu por essa  
17 abordagem. Preveem um desembolso nessas duas modalidades de um total de R\$92 milhões, a  
18 serem despendidos neste ano R\$6,3 milhões, em 2024 R\$67 milhões, em 2025 R\$16 milhões e  
19 em 2026 R\$2 milhões. Essa previsão, na verdade, deve ser também vista de outra forma,  
20 fazendo uma conta sobre os serviços que estão introduzindo para os próximos anos. Já estão  
21 embutidos aqui, mas a previsão é de que se gaste R\$10 milhões em contratos de serviços  
22 contínuos na Universidade nos próximos anos e daí para frente. Por enquanto isso está  
23 desbalanceado, não estão sendo mostrados R\$10 milhões por ano, porque há uma divisão de  
24 contratos no momento por 30 meses. Ao ver essa tabela, podem perguntar por que estão  
25 gastando só R\$3 milhões este ano, e a resposta é porque é de setembro a dezembro. Em 2026,  
26 serão só R\$2 milhões porque esse é o resto de previsões de 30 meses, mas a previsão de gastos  
27 é da ordem de R\$10 milhões adicionais ao que toda a Universidade hoje gasta em serviços  
28 contínuos. Esse levantamento feito a partir de 2022, que hoje está apresentando, é a primeira  
29 linha do *slide* em exibição, no valor de R\$92 milhões. As outras demandas são em compras  
30 padronizadas R\$72 milhões, são *desktops*, são outros equipamentos que todos pediram e que  
31 estão padronizando, conversando com as unidades, analisando um pouco melhor, analisando a  
32 possibilidade de fazer locação em vez de fazer compra. Existe isso no horizonte, talvez inclusive  
33 a possibilidade de usar *desktops* virtuais para substituir. Tem várias coisas que estão olhando,  
34 mas em termos de demanda bruta hoje, já com algum filtro, alguma coisa da ordem de R\$72  
35 milhões nessas compras e outras demandas, R\$61 milhões, que estão detalhadas no relatório  
36 que foi enviado para a COP. Ou seja, existe uma demanda de R\$226 milhões, que pretendem  
37 trazer à análise da COP no começo do segundo semestre, já de uma forma um pouco mais  
38 filtrada e analisada. Algumas dessas demandas futuras são: rede de alta velocidade, celular 5G  
39 e 6G, sendo que vão iniciar um piloto com o CPqD e a RNP de duas torres de 5G privadas  
40 para criar uma rede privada aqui na Universidade, uma torre na área do Hospital e uma torre

1 no alto, perto da Faculdade de Engenharia Agrícola, para cobrir parte da Fazenda Argentina.  
2 Um aumento de equipamentos em internet das coisas, serviços em nuvem; vão, como disse,  
3 migrar mais e mais serviços para a nuvem, especialmente dos administrativos. Infraestrutura  
4 para engenharia, análise de dados, pois precisarão investir algum recurso nas bases de dados e  
5 nos repositórios. Possuem um pedido para a Fapesp de *storage* de mais ou menos R\$12 milhões.  
6 Estão esperando já há quase um ano para sair a resposta, se sair podem subtrair R\$12 milhões  
7 dessa demanda anterior que colocou. Em relação à computação de alto desempenho, a Unicamp  
8 está entrando em um consórcio junto com a USP e a Unesp para criar um centro de computação  
9 de alto desempenho para servir a toda a comunidade do Estado de São Paulo. Isso deve ter um  
10 impacto de gastos na Universidade, além do que ela já gasta no Cenapad. É algo com o qual os  
11 três reitores já se comprometeram, várias outras universidades estão se juntando nesse esforço  
12 para criar um centro paulista de alto desempenho. E a infraestrutura do Hids, que além dessa  
13 antena que mencionou, vai receber outros investimentos, sensores, basicamente infraestrutura  
14 de conectividade, por enquanto. Agradece a todo o pessoal da Citic e do CCUEC que estão  
15 ajudando, fazendo os levantamentos das demandas arduamente já há vários meses, conversando  
16 com todas as unidades, refinando as demandas. O Professor RODOLFO JARDIM DE  
17 AZEVEDO diz que tem algumas perguntas, para tentar esclarecer alguns itens. Também acha  
18 que a apresentação poderia melhorar em alguns aspectos, então vai tentar separar em duas  
19 partes, as despesas que são não recorrentes no custo único e as recorrentes. Porque as  
20 recorrentes entendeu agora, na apresentação do professor Ricardo ficou mais claro, estão  
21 tentando trazer um custo anual da Universidade dessas despesas da ordem de R\$10 milhões, e  
22 lhe parece uma ótima opção transformar várias dessas despesas de custo único em despesas  
23 recorrentes. Gosta dessa ideia porque conseguem prever e ter um patamar sempre atualizado,  
24 portanto esse é um ponto bem relevante, e até talvez alguns dos outros serviços que vai  
25 mencionar possam ser migrados para isso. Do ponto de vista de *software*, o parecer do GT  
26 solicita no mínimo dois anos, ele fala que já existe uma priorização, mas não teve acesso ao  
27 documento, não foi concedida autorização para o seu usuário. No entanto, no momento de fazer  
28 a comparação entre três cenários, há uma tabela do Governo Federal, tem uma estimativa e tem  
29 da Prodesp, ele faz sobre parâmetros levemente diferentes, o que complicou um pouco a  
30 comparação. Especificamente quando é feita a cotação, é mencionado que dois perfis podem  
31 atender a até dois projetos. Possuem três projetos, multiplicou por 1,5, só que são pessoas, então  
32 não conseguem ter uma pessoa e meia. Não ficou muito claro se essas 20 horas podem ser  
33 segmentadas, então acha que vale a pena uma revisão desses dados. Nos outros parâmetros,  
34 quando comparam, por exemplo, com contratação local, vão comparar com duas pessoas,  
35 porque não se pode ter uma pessoa e meia. Do sistema de Smartcard, agora ficou bem claro,  
36 são 30 meses, mas entendeu que ele tem duas partes, a de equipamento, que é uma espécie de  
37 pico de pagamento, e depois uma despesa mensal. Então, talvez separar no ponto de vista da  
38 ação simplesmente porque fica mais fácil de visualizar. Gostou muito da ideia de trazer novas  
39 formas de pagamento, e pessoalmente tem um certo receio de reconhecimento facial, mas acha  
40 que não há como lutar mais contra isso. Imagina que esteja sendo cuidada a parte de preservação

1 da privacidade, então está supondo que está sendo decidido. Internet no *campus* também achou  
2 interessante. Pergunta se na parte de *switches* também não existe nenhum mecanismo como  
3 serviço de locação, como fazem com impressoras. Na Univesp utilizavam dessa forma, mas é  
4 preciso verificar se o valor vale a pena. A uniformização das compras faz muito sentido, gostou  
5 da questão de padronização, e sugere que tentem ter uma política, porque quando chegar esse  
6 novo *switch* super gerenciável na unidade, ela vai pegar aquele não gerenciável dela, vai  
7 arrumar um outro uso para ele e vai manter o seu problema de gerenciamento, porque esse novo  
8 *switch* estará em algum lugar lá. Então talvez seja interessante pensar em um mecanismo de  
9 destinação. Recordar-se que quando estava na antiga Contic, havia um desafio de situações em  
10 que a pessoa recebia um computador novo, colocava o computador velho na outra mesa e no  
11 ano seguinte o utilizava como meio de solicitar um computador novo. Então precisam tomar  
12 cuidado nessa gestão. O Professor RICARDO DAHAB responde que a ideia é que esse *switch*,  
13 esse *gateway* de entrada de conexão com o *backbone* seja inacessível para o pessoal das  
14 unidades. Configuram, operam, gerenciam e daí para dentro as unidades fazem o que desejarem,  
15 como é hoje. Só que a fronteira hoje termina no *backbone*, o que é um problema, porque eles  
16 têm acesso ao *backbone* e podem causar confusão, como já causaram. Alguém configurou todas  
17 as saídas como entradas, ou entradas como saídas e derrubou metade do *backbone*. Então daí  
18 para dentro pode-se utilizar esse *switch* e, em princípio, não estão comprando equipamento  
19 local que não seja *desktop* para ninguém, porque esse tipo de coisa vai migrar para a nuvem,  
20 servidores, essas coisas, como já têm migrado. O Professor RODOLFO JARDIM DE  
21 AZEVEDO diz que em relação a internet, *storage* institucional e *backup* corporativo, do ponto  
22 de vista do *storage* entendeu o pedido da Fapesp. Não sabe se dá para casar com *backup*  
23 corporativo, em especial porque não fica muito claro se o valor do *backup* é anual ou por três  
24 anos, está faltando a informação de temporalidade. O Professor RICARDO DAHAB diz que,  
25 pelo que se recorda, o *backup* é uma compra de equipamento interno, é um serviço de *backup*  
26 local, não é *backup* na nuvem, e talvez tenham de pagar licença do *software* para gerenciar  
27 *backup*. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO observa que o professor Ricardo  
28 mostrou no primeiro *slide* que estão sobrando R\$14 milhões do passado. O Professor  
29 RICARDO DAHAB diz que obviamente aqueles R\$14 milhões podem ser remanejados para  
30 esses R\$92 milhões. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que também tem o  
31 Goes, do Cepagri, que é um contrato de cinco anos. Seu entendimento é que seria despesa  
32 contínua, mas está como despesa única, e não entendeu essa diferença. O Professor RICARDO  
33 DAHAB diz que vai verificar e depois responde. O Professor RODOLFO JARDIM DE  
34 AZEVEDO diz que sua dúvida é se entra em uma tabela ou na outra. A questão do investimento  
35 contínuo não estava no documento, mas a apresentação trouxe a tabela que facilitou o  
36 entendimento. Sugere que comprando o *software* de gestão de projeto, esse uso de recursos seja  
37 um dos projetos e consigam monitorar. Trata-se de um volume bem vultuoso e talvez trazer  
38 essa estrutura de governança especial e essa transparência no uso dos dados seja relevante. Em  
39 vários dos cenários é mencionado que são orçamentos obviamente pré-licitação, então há  
40 expectativa também de licitação/tempo, mas também de valor um pouco mais baixo, e gosta



1 dessa ideia. Sugere que assim como o NVivo, que é um *software* de pesquisa, tragam essa  
2 categoria para outros *softwares* de pesquisa dos quais possuem licença, como MatLab e  
3 ArcGIS, para que possam unificar essa questão. O Professor RICARDO DAHAB diz que estão  
4 com um GT pensando uma ação de como ter um representante por unidade que cuida de um  
5 certo *software* ou de um conjunto de *softwares* e a gerência central de todos esses *softwares* que  
6 são utilizados por várias unidades. Mais ou menos como uma comissão de biblioteca, que  
7 verifica o que a unidade está precisando, tem uma pessoa que olha a versão, controla isso,  
8 porque em geral tem a mesma coisa em várias unidades. Estão com um GT, foi feita uma  
9 chamada e o NVivo está em um desses casos, foi uma demanda mais tardia, por isso ele acabou  
10 entrando aí. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO observa que o que ficou mais à  
11 parte para ele foram as obras relativas à Secretaria de Comunicação. Entendeu os equipamentos  
12 de comunicação e parece que faz todo o alinhamento, mas tem a sensação de que a obra do  
13 prédio, a parte de arquitetura, deveria buscar uma outra fonte, não por mérito, mas sim uma  
14 outra fonte que não a Citic. Entendeu que são dois orçamentos bem segregados, e a impressão  
15 é que no momento de copiar, copiaram todo o orçamento e para a Citic têm de ser duas coisas  
16 separadas. O Professor RICARDO DAHAB responde que foi entendimento da Citic enviar um  
17 só orçamento, pelo menos de algumas pessoas com quem conversaram, que em princípio para  
18 investimento em comunicação e poderiam colocar em um só, mas obviamente isso fica para  
19 apreciação da COP. Não dá para fazer os investimentos de TIC sem fazer esses investimentos  
20 de obra, então decidiram colocar em um pacote só. O Professor RODOLFO JARDIM DE  
21 AZEVEDO diz que a parte da obra ainda precisa ser mais detalhada, mas os equipamentos de  
22 tecnologia estão orçados perfeitamente. O Professor RICARDO DAHAB diz que no orçamento  
23 que vão trazer no segundo semestre, que veio de todas as outras unidades, há pedidos até de  
24 porcas e parafusos. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que do ponto de vista  
25 de governança, faz sentido quando se tem esse lote de equipamentos, em especial equipamentos  
26 de tecnologia, tentar definir uma vida dos equipamentos de tecnologia da Unicamp, montar um  
27 ciclo. Na época em que foi diretor do IC definiram que isso ocorreria a cada sete anos, e ficou  
28 feliz que mês passado passou na congregação a informação de que 1/7 dos equipamentos serão  
29 renovados, então poderiam tentar montar esse modelo. Sabe que por unidade é meio  
30 complicado, mas globalmente conseguiriam fazer uma previsão. O Professor RICARDO  
31 DAHAB diz que o PATC tinha como política renovar 1/5 dos equipamentos todo ano, o  
32 problema é que ficou cinco anos parado. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz  
33 que vai precisar de alguma coisa, só que se puder diluir um pouco seria bom, porque senão  
34 daqui a cinco anos precisam de novo. Então tentar fazer uma coisa mais suave, mas garantindo  
35 os próximos anos. E um outro serviço que as unidades podem precisar é serviço de cabeamento.  
36 Uma ata de cabeamento poderia facilitar muito, em especial por causa da nova lei de licitações.  
37 Não vão poder ficar contratando o cabeamento avulso, então uma ata seria interessante. Há  
38 muitas demandas nesse sentido, porque haverá uma rede e um *backbone* maravilhosos, ao passo  
39 que a rede atual do local está muito ruim. O problema é que internamente há todo tipo de  
40 situação, então ou trocam tudo ou não dá para remendar, não dá para contratar um serviço em

1 que escolham só alguns tipos de cabo, por exemplo. Ou trocam tudo de todos os locais, e ficam  
2 todos com uma rede decente, ou fazer uma ata que contemple todas essas variações vai ser um  
3 problemão. O Professor RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que por isso sugeriu uma  
4 ata, pois nela se pode colocar um pouco a mais, não existe obrigação de contratar o todo. O  
5 senhor Thiago já fez em outras ocasiões, estava conversando com ele outro dia, e talvez colocar  
6 uma ata de alguns dos serviços que estão preconizando, e se cair na ata é perfeito. Concorde  
7 que existem muitos tipos de rede, mas ter essa ata dos casos mais recentes talvez facilite a vida  
8 para as unidades acionarem rapidamente. A questão de temporalidade é um ponto crítico para  
9 a COP, e imagina que virá uma outra proposta posteriormente que já vá levar isso em  
10 consideração do ponto de vista do equipamento no tempo também. Observa que na questão de  
11 investimento em tecnologia só descobrem que estão com problema quando ocorre um problema  
12 grave. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que é bom poder falar  
13 em orçamento expandido para poder investir novamente na Universidade. Antes de entrar nos  
14 itens sobre os quais vai levantar alguns questionamentos, lembra que a Universidade está  
15 priorizando compras volumosas, com grande quantidade de equipamentos. Decorrentes do  
16 PATC, serão entregues cerca de dois mil equipamentos, sendo que cada um deles possui pelo  
17 menos umas duas caixas de papelão, umas quatro partes de isopor e uns 50 sacos plásticos. A  
18 Universidade não tem olhado para a questão socioambiental, então poderiam falar em compra  
19 responsável e responsabilizar o fornecedor de ou recolher tudo isso e dar uma destinação social  
20 e ambiental correta, ou mesmo falar em embalagens retornáveis. Essa é uma experiência que já  
21 foi vivida com a Cetesb, por exemplo, em 2003, quando ela conseguiu fazer isso com todos os  
22 produtos que consome. Então é algo em que podem pensar e acha que ainda deveriam  
23 considerar, já que vão fazer essas compras mais volumosas com a nova lei de licitações. Vai  
24 entrar agora em alguns itens e solicita ajuda do professor Ricardo para que forneça alguns  
25 esclarecimentos. Sobre o item que menciona a contratação de *software* de rastreamento de rede  
26 óptica, ficou em dúvida se o ArcGIS que hoje possuem já não responde por isso. O Professor  
27 RICARDO DAHAB diz que supõe que o ArcGIS se atenha à Geografia; pergunta se está se  
28 referindo às especificações técnicas etc. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
29 MARTINS diz que ele tem área de georreferenciamento, pode colocar toda a informação. Não  
30 sabe qual a profundidade do *software*, mas sabe que isso já é utilizado na Universidade,  
31 inclusive no Atlas da Unicamp, que costuma consultar, então talvez já haja uma solução aqui  
32 sem que precisem contratar outras. Consta o valor de R\$6 mil, e não sabe se seriam anuais ou  
33 seria um investimento único. O Professor RICARDO DAHAB responde que esse está como  
34 único, não é contínuo. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS pergunta,  
35 em relação ao *software* de gestão de projetos, em que há indicação inclusive da compra do Jira,  
36 como chegaram ao número de 200 licenças. No documento consta em uma previsão de 140,  
37 mas só faz contratação de pacotes de 100, pelo que verificou. Pergunta como pararam nos 200,  
38 se é por que não houve procura, ou não houve levantamento, e se não olharam também para  
39 outros órgãos, por exemplo, que não sejam da área de TI. Gestão de projetos é útil em muitas  
40 áreas, então poderiam expandir isso e fazer uma contratação única, sem precisar despender para

1 isso. O Professor RICARDO DAHAB responde que, em princípio, foi para área de TI só esse  
2 primeiro levantamento, mas foi feita uma consulta geral a todas as áreas de TI. O senhor  
3 MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS pergunta se podem expandir isso; por  
4 exemplo, para a Educorp interessa muito utilizar o Jira, mas também outras áreas poderiam usar  
5 e a própria Educorp poderia disseminar isso. O Professor RICARDO DAHAB solicita que o  
6 senhor Matheus encaminhe essa solicitação, que é possível de ser atendida. O senhor  
7 MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que a solicitação já foi feita, mas não  
8 obtiveram retorno. O Professor RICARDO DAHAB diz que eles talvez precisassem fechar em  
9 algum momento uma proposta e não tinha mais tempo de alargar, o que certamente podem fazer  
10 agora. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que poderiam fazer uma  
11 consulta na Universidade, para poder fazer um contrato único. A proposta menciona 144 horas  
12 de treinamento, e pergunta se essas 144 horas se referem ao pessoal que vai fazer a instalação,  
13 ao pessoal que vai operar no mais macro ou a todos os que vão utilizar o *software*. Porque se  
14 forem 144 horas para 200 licenças, seria insuficiente. Então ficou um pouco receoso com isso  
15 e em qual momento a Educorp também seria envolvida nisso, porque em algum momento essa  
16 empresa vai deixar de dar esses treinamentos e a Educorp vai ter de assumir isso de alguma  
17 forma. O Professor RICARDO DAHAB diz que esses primeiros números são para fazer um  
18 piloto e depois implantar no restante da Universidade, caso o piloto dê certo. O senhor  
19 MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que vai fazer uma conversa para poderem  
20 alinhar isso, para poderem mudar de cultura, porque isso é uma mudança de cultura na  
21 Universidade. Muitas pessoas possuem sistemas próprios, mas precisam disseminar o  
22 conhecimento. Precisam trabalhar isso muito junto com a Citic, e observa que foi acionado  
23 inúmeras vezes, desde que saiu essa proposta, sobre o item da terceirização da produção de  
24 *softwares*. Pergunta se a Citic sabe hoje quantos servidores atuam propriamente em TIC na  
25 Universidade. O Professor RICARDO DAHAB responde que a estimativa é que são quase 500  
26 registrados como TIC na Universidade, fora Funcamp. Mais ou menos uns 20% desses estão  
27 atuando em área administrativa por uma razão muito simples, é o pessoal que conhece  
28 processos, às vezes muito mais a fundo do que outros, e acabam sendo desviados para essas  
29 funções e ficam meio fazendo gestão e meio fazendo TI. Então, o número real é da ordem de  
30 400, mais ou menos, 80 no CCUEC, sendo três na equipe de desenvolvimento. O senhor  
31 MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS pergunta se existe um levantamento das  
32 competências dos servidores da área de TIC da Universidade. O Professor RICARDO DAHAB  
33 diz que possuem uma boa ideia. Fizeram um levantamento em 2021, a pedido do Estado de São  
34 Paulo, mas não foi algo que conseguiram fazer com muita exatidão. Não possuem um  
35 mapeamento, mas certamente na área de desenvolvimento de *software* é completamente  
36 depauperado. Na área de suporte e administração de rede é bem melhor. O senhor MATHEUS  
37 DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que a sua pergunta é no sentido de saber se existe um  
38 conhecimento de quais são as competências próprias que cada um desses servidores tem. O  
39 Professor RICARDO DAHAB responde que em geral é uma competência baseada em  
40 tecnologias que estão começando a ficar defasadas. Estão preparando um plano de capacitação

1 para as pessoas, inclusive para poder acompanhar o desenvolvimento desses novos sistemas e  
2 elas se atualizarem também. Muitos sistemas da Universidade são monolitos que trabalham  
3 com Java, que trabalham com tecnologias em geral defasadas. Uma parte das pessoas vem se  
4 renovando, vem se atualizando, muito por sua iniciativa individual. Não há uma iniciativa como  
5 política de fazer isso já, mas há algumas iniciativas nesse sentido: por exemplo, tem sido feito  
6 um trabalho com o pessoal que vai usar nuvem ou que quer usar nuvem, eles precisam ser  
7 capacitados. O pessoal chave nos grandes órgãos que já conhece de nuvem, já usa sistemas em  
8 nuvem na Unicamp, está usando cada vez melhor, de forma cada vez mais otimizada. O pessoal  
9 de desenvolvimento está mais defasado. Existem bolsões aqui e ali que usam métodos um pouco  
10 mais modernos, mas nada que se compare ao mercado. E o pessoal de infraestrutura é muito  
11 bem capacitado em redes e conectividade. Esse é o seu diagnóstico. O senhor MATHEUS DA  
12 SILVA MARCHETI MARTINS pergunta se já existe um escopo definido para os *softwares*  
13 que pretendem desenvolver. O Professor RICARDO DAHAB responde que não. Já vinha  
14 trabalhando nisso há um tempo, e o que motivou, por exemplo, a compra da plataforma de  
15 gestão de APIs foi o débito que há nas pró-reitorias. Por exemplo, a Pró-Reitoria de Pesquisa  
16 tem um débito enorme com sistemas de editais da Universidade. O Faepex e todos esses  
17 sistemas estão muito defasados, são sistemas antigos e com manutenção deficiente. O pessoal  
18 faz o que pode, moderniza aqui e ali, mas é necessário refazer todo o sistema de editais da  
19 Universidade. Outro caso é a DGA, que em sistema tem uma demanda muito grande neste  
20 momento também e deve fazer uso dessas equipes, mas, em princípio, são projetos da  
21 Administração Central, da alta Administração. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
22 MARTINS pergunta se não possuem desenhados exatamente quais são esses projetos. O  
23 Professor RICARDO DAHAB responde que pelo menos esses da Pró-Reitoria de Pesquisa sim.  
24 O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS pergunta como se chegou a uma  
25 estimativa de que precisam de três equipes por dois anos. O Professor RICARDO DAHAB diz  
26 que, na verdade, queriam seis equipes, resolveram fazer um piloto com três, porque é uma  
27 experiência pioneira. Vão usar a plataforma de gestão de APIs, então vão trazer pelo menos  
28 uma ou duas equipes para as quais sabem que existe um projeto específico, e vão ver quem  
29 mais na Universidade precisa de um projeto assim. Desde que anunciaram isso, há uma fila  
30 razoável, então vão ter de fazer uma triagem desses projetos para ver qual ou quais deles vão  
31 usar essa terceira equipe. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS pergunta  
32 quais são os *softwares* que hoje funcionam na Universidade e que foram desenvolvidos por  
33 equipes externas. O Professor RICARDO DAHAB responde que a evolução do Sênior, da  
34 DGRH, é feita por uma equipe interna, mas a parte principal do Sênior, que se paga todo ano,  
35 é comprada do mercado. O Siga foi desenvolvido por uma equipe externa, mas internalizado, e  
36 hoje está sob total guarda da DAC. Tudo da DGA foi desenvolvido internamente, mas está com  
37 um débito técnico enorme hoje, tanto que a gestão anterior considerou comprar um ARP. Não  
38 conseguiu encontrar um ARP que satisfizesse as necessidades da DAC, a Citic está ajudando  
39 agora na definição de uma nova solução, de novos módulos, e vão dar um jeito nisso. O senhor  
40 MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que está perguntando isso porque houve

1 experiências que não foram tão positivas, como o Sigad e o sistema de gestão de estoque, que  
2 tentaram comprar ao mesmo tempo, em 2009, e tiveram de quebrar contrato por diversos  
3 problemas. Outros exemplos também ocorreram. Uma pergunta muito latente que chegou a ele  
4 é se a Citic está preocupada com o posicionamento dos servidores ao verem que serão  
5 contratadas pessoas externas ao valor de R\$40 mil, enquanto os servidores de desenvolvimento  
6 estão no S1 e têm um salário de cerca de R\$7 mil. Estão dizendo a eles que não possuem  
7 condições de fazer, então vão contratar pessoal externo, pagando R\$40 mil, mas não conseguem  
8 progredi-los nem contratar mais pessoas aqui para dentro. O Professor RICARDO DAHAB diz  
9 que progredir pessoas aqui dentro na área de TI não significa progredir pessoas da área de TI  
10 só. Existia uma carreira de TI e hoje não existe mais, portanto não conseguem fazer políticas  
11 voltadas para a área de TI, porque simplesmente não existe uma carreira de TI. Não conseguem  
12 pagar mais perto do que o mercado paga; pode tentar contratar mais à frente, mas tem uma  
13 porção de empecilhos administrativos, burocráticos, legais que o impedem de ter um incentivo  
14 mais forte para a área de TI. Estão com problemas de fazer trabalho remoto para a área de TI,  
15 porque é uma área um pouco mais contenciosa, e há outros problemas pela frente, ponto  
16 eletrônico e outras coisas. A realidade do mercado é cada vez mais distante da realidade aqui  
17 dentro, e deixaram de ser produtores de *software*, não é missão da Universidade desenvolver  
18 *softwares*. É como se propusessem para a Faculdade de Engenharia Mecânica que, mediante  
19 um pagamento vultuoso, ela produzisse uma frota de Corolla. Vai demorar 50 anos para eles  
20 fazerem uma frota de Corolla, e nunca compraria Corolla deles, embora exista tecnologia aqui  
21 dentro, e provavelmente se colocar o pessoal para trabalhar, eles vão fazer um carro bom. No  
22 mínimo, vão copiar um carro que existe, vão fazer alguma coisa parecida, mas não é o negócio  
23 da Universidade. Foi no tempo em que não havia a competência no mercado lá fora, hoje não  
24 mais. Vão comprar serviços de nuvem a um preço que não dá para competir, pela  
25 confiabilidade, pela eficiência. Estão fazendo o AGHUse, ele vai migrar para a nuvem, também  
26 estão fazendo um contrato com a Prodesp. Já possuem uma prova de conceito funcionando três  
27 vezes mais rápida, subiu em 15 dias, está na nuvem, funcionando a versão de homologação,  
28 não a versão principal, que ainda roda localmente, mas eventualmente vai para lá. Essas coisas  
29 ficam muito baratas, não é mais a missão da Universidade. Precisam pegar esse pessoal e fazer  
30 com que eles fiquem bons de usar todos esses recursos que hoje o mercado oferece. Está ficando  
31 cada vez mais comoditizado, muita coisa vem pronta, a Universidade não tem como missão  
32 isso; precisam fazer ensino, pesquisa, extensão e assistência de qualidade, e a TIC interna na  
33 Universidade precisa prover os meios de fazer isso. Os desenvolvedores vão poder, por  
34 exemplo, acompanhar a implementação disso, vão ter de acompanhar, vão ter de ficar bons de  
35 checar se essa coisa está sendo bem feita, de internalizar, de poder agir quando for necessário,  
36 mas desenvolver do zero muito pouca coisa. E essa questão da carreira de TI, como mencionou,  
37 é muito mais complexa. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que  
38 poderão ter um problema muito sério. Estão falando em contratar líderes de projetos de nível  
39 S3, e aqui na Universidade existem pessoas gabaritadas para isso. É por isso que perguntou se  
40 a Citic tem o levantamento de competência dos servidores da Universidade, o que considera

1 importante. E competência é saber não só o que ele faz, mas qual é o conhecimento que ele tem.  
2 Acha que podem perder muito mais pessoas para o mercado agora se seguirem essa linha, pois  
3 o pessoal da própria equipe da Universidade pode sair, abrir uma empresa, entrar em uma  
4 licitação e começar a trabalhar para a Universidade, ganhando R\$40 mil em vez de R\$7 mil. O  
5 Professor RICARDO DAHAB responde que já estão fazendo; estão perdendo pessoas que saem  
6 para ganhar até quatro vezes mais. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS  
7 pergunta se vão continuar favorecendo isso. O Professor RICARDO DAHAB diz que vão  
8 precisar começar a contratar um perfil diferente, um perfil mais adequado às necessidades da  
9 Unicamp. Esse pessoal da transição vai precisar aprender, se treinar aqui dentro com  
10 tecnologias novas, que é isso que vão trazer, tecnologias novas de desenvolvimento, tecnologia  
11 de gerência de nuvem, gerência de recursos de nuvem, pois não é uma coisa simples levar uma  
12 coisa para a nuvem. Ainda que a Amazon e a Google ajudem a levar coisas e a procurar a  
13 melhor configuração, precisam de gente capacitada para fazer isso. Precisam de gente para  
14 gerenciar bem esses serviços de TI. Agora tirar do zero, desenvolver coisas de TI, soluções  
15 caseiras, só como exercícios para os alunos. Vão anter uma nuvem interna que vai servir para  
16 os alunos fazerem pesquisas. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS  
17 pergunta se o professor Ricardo está dizendo que todos os *softwares* da DGA que utilizam hoje  
18 seriam levados para o mercado refazer. O Professor RICARDO DAHAB diz que está dizendo  
19 que vão buscar uma solução boa para isso. Precisam ver a pretensão, a solução integrada e  
20 buscar uma solução que seja a melhor possível. Desenvolver outra coisa para a DGA não tem  
21 a menor chance, não enquanto continuarem pensando friamente a respeito disso. A DGA a  
22 duras penas consegue manter aqueles sistemas, e escrever um ARP novo não é uma coisa para  
23 um dia, aquilo vai ficar cada vez mais defasado e precisam de um sistema que dê conta de coisas  
24 triviais, compras, almoxarifado, são coisas que se conhece e há muitas soluções no mercado e  
25 só precisam ajeitar um pouco. É comprar alguma coisa, adaptar, integrar e ter um corpo de  
26 pessoas que sabem fazer isso, porque elas vão agir sobre tecnologias novas, modernas, e se elas  
27 não conhecerem essas tecnologias novas, não vão conseguir adaptar e trazer aqui para dentro.  
28 Hoje tem projetos de *software* aberto, um exemplo deles é o AGHUse, que vão procurar trazer  
29 na medida em que for possível também, porque essas coisas não custam barato para manter  
30 aqui dentro, sabem o quanto está custando o AGHUse para trazer, embora seja *software* livre.  
31 Não estão pagando um centavo pelo *software* AGHUse, estão pagando pela implantação, vão  
32 pagar por uma equipe que sabe evoluir o *software*. Então essa coisa do desenvolver do nada já  
33 foi; inventaram a internet, inventaram a fibra ótica aqui dentro, inventaram uma porção de  
34 coisas, mas isso não quer dizer que vão colocar em produção. Isso quem faz é o mercado, quem  
35 faz é a indústria; fazem protótipos, essa é a vocação da Universidade, e na medida do possível,  
36 fazer uma coisa aqui e ali. Por exemplo, estão organizando um grupo que vai desenvolver  
37 pequenos *softwares* juntando pessoas para fazer essas tarefas de unidades, como admissão de  
38 aluno de pós-graduação, avaliações, há vários desses que estão replicados na Universidade,  
39 sete, oito unidades que fazem a mesma coisa, basicamente. Estão querendo juntar todo esse  
40 pessoal para fazer alguma coisa integrada para ajudar as pessoas, porque gastam um tempão

1 para desenvolver uma coisa simples hoje em dia. Estão olhando para um sistema desenvolvido  
2 em *software* livre ao longo de 15, 16 anos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte para  
3 ver quanto conseguem usar na Unicamp. Eles têm um sistema chamado Suap que querem ver  
4 até que ponto conseguem usar módulos deles. Por exemplo, eles têm dois módulos em colégio  
5 técnico prontos. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que o professor  
6 acabou de falar que quem desenvolveu foi uma universidade, então pergunta se não podem  
7 replicar e fazer isso também aqui dentro. O Professor RICARDO DAHAB diz que foi o Instituto  
8 Federal do Rio Grande do Norte que desenvolveu esse *software* livre em um esforço coletivo,  
9 mas foram outros tempos, eles começaram em 2005, 2006, quando isso era possível. Hoje em  
10 dia eles desenvolvem novos módulos, desenvolvem cooperação em grupos. É uma comunidade  
11 que desenvolve isso e eles integram ao *software*, o que exige um esforço de coordenação. O  
12 AGHUse foi desenvolvido no Hospital das Clínicas de Porto Alegre, eles são um *hub* que  
13 mantém o *software*, os colaboradores jogam atualizações para lá, eles olham, criticam e soltam  
14 a nova versão. Quem trabalha para eles é a Sonda, a mesma empresa que a Unicamp contratou,  
15 porque eles não dão conta de programar novas versões, de depurar, de testar, porque é caro  
16 manter. Então se usa um recurso externo, que no fundo é compartilhado, mas se mantiverem  
17 um recurso aqui dentro, a pessoa vai ganhar mais lá fora. Podem fazer o que for, ela vai ganhar  
18 mais lá fora; são uma universidade pública, então ou vão fazer essas coisas que só têm um  
19 objetivo, que é aprender a desenvolver *softwares*, pois hoje em dia, para dar eficiência para a  
20 Universidade, não há como desenvolver *softwares* aqui dentro, é uma visão romântica essa do  
21 senhor Matheus. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que sabe que  
22 é uma visão romântica, mas é muito ruim dizer que não possuem o conhecimento aqui dentro,  
23 porque possuem; o que falta é mão de obra para poder atender algumas unidades e  
24 disponibilizar. As pessoas podem formar um grupo igual ao que o professor Ricardo está  
25 propondo, três equipes aqui para poder desenvolver alguns *softwares*, que possam passar algum  
26 tempo fazendo isso, mas a Universidade não contrata pessoas. Como não contrata, não tem  
27 gente para fazer, vão para o mercado buscar. Poderiam fazer transferência de tecnologia, como  
28 fez a universidade citada, do Rio Grande do Norte, e transformar essas comunidades. Poderiam  
29 fazer isso com a USP e a Unesp junto, um sistema que pudesse atender a todas, mas optam por  
30 comprar o *software* no mercado. A impressão do pessoal de TI que trabalha com  
31 desenvolvimento, que chegou para ele, é que os estão descartando da Universidade. Estão  
32 falando de locação de equipamento, portanto estão descartando o pessoal de suporte, estão  
33 falando de aquisição de contratação de *software* fora, portanto estão descartando o pessoal  
34 desenvolvimento. O pessoal de TI está desesperado achando que vão terceirizar a Universidade  
35 inteira, então acha que precisam tomar muito cuidado com o que estão sinalizando tanto para o  
36 mercado quanto para a própria equipe. O Professor RICARDO DAHAB convida todo esse  
37 pessoal a trazer essas visões nos conselhos, nos comitês consultivos de TIC que existem para a  
38 área administrativa, para as unidades de ensino e pesquisa e para a área assistencial. Fazem  
39 encontros mensais. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS observa que  
40 eles são sub-representados. O Professor RICARDO DAHAB diz que solicitam uma pessoa por

1 órgão, e pergunta se isso é sub-representação; o chefe de TI da DGRH, o chefe de TI do IC, o  
2 chefe de TI do IEL, e assim por diante. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
3 MARTINS diz que às vezes as equipes já estão no limite de pessoas, então o chefe de TI ir a  
4 uma reunião pode ser tão complicado que ele prefere não ir. O Professor RICARDO DAHAB  
5 observa que é uma reunião remota de uma hora. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
6 MARTINS diz que há, por exemplo, uma pessoa no suporte da DGA inteira. O Professor  
7 RICARDO DAHAB diz que estão resolvendo o problema da DGA; estão criando um *hub* para  
8 fazer o atendimento para quem não tem suporte. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
9 MARTINS solicita a retirada desse item de pauta. Deveriam fazer uma conversa com os  
10 servidores da área, não só em nível de Citic. Os servidores têm de ser ouvidos, porque isso  
11 impacta a Universidade inteira. Sugere que o Power BI seja aberto para o restante da  
12 Universidade, pois talvez haja outros órgãos que tenham interesse em utilizar. O Professor  
13 RICARDO DAHAB concorda e diz que é outro caso de piloto que estão fazendo para alguns  
14 órgãos. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que achou um pouco  
15 estranho estar aqui dentro dessa pauta o Goes do Cepagri, pois acha que isso é muito mais  
16 pesquisa e esse recurso conseguiriam de fomento, em vez de utilizar recurso orçamentário, pois  
17 na sua visão poderia tirar recursos de outro lugar. Do Bacula teve a mesma dúvida do professor  
18 Rodolfo, se o custo é anual, se o custo é único. E a questão do estúdio da SEC acha que é de  
19 caráter da Copei, pois é planejamento estratégico, tem que fazer. Já entrou no estúdio este ano,  
20 acha que precisam fazer a reforma, pois há uma baita estrutura que está parada, mas acha que  
21 não cabe aqui. Não seria recurso TIC, mas recurso Copei, na qual dificilmente o projeto não  
22 seria aprovado. O Professor RICARDO DAHAB observa que TIC ainda é comunicação. O  
23 senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que rádio, cinema, tudo é  
24 comunicação, então fica complicado. O Professor RICARDO DAHAB diz que estão  
25 comprando equipamento multimídia também, porque é necessário, projetores, uma porção de  
26 coisas nessa área que também podem considerar que estão na área cinza. Então teriam de tirar  
27 isso também; estão pegando coisas que, em geral, ficam a cargo do pessoal de TI, exceto os  
28 muito especializados. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI MARTINS diz que  
29 especificamente do estúdio até entende, mas acha que estão extrapolando um pouco mais, então  
30 tiraria e colocaria na Copei, que aprovaria isso com tranquilidade. O SENHOR PRESIDENTE  
31 observa que toda essa documentação esteve no expediente da Copei e isso foi apresentado lá.  
32 Todo esse material esteve no expediente da COP, portanto a Universidade teve condições de se  
33 manifestar sobre isso. O que estão aprovando hoje aqui são os recursos ou não e qual esse  
34 volume, ninguém foi pego de surpresa sobre a política, porque ela foi também apresentada como  
35 um todo na Copei. A Copei não aprova recursos, ela aprova os projetos, os recursos trazem aqui  
36 para a COP decidir. O Professor RICARDO MIRANDA MARTINS diz que recurso de TI é  
37 caro, não há muito o que fazer, vão se somando as coisas e o recurso fica bastante caro.  
38 Parabeniza a Citic por essa proposta, porque o que estão fazendo aqui é como o que uma  
39 prefeitura faz com saneamento básico, trocando várias coisas que têm de ser trocadas porque o  
40 equipamento está velho, e no caso aqui, porque a conexão de rede a qualquer momento pode



1 pifar. Tiveram recentemente no Imecc uma demanda de TI de trocar um *switch*, cujo preço é  
2 um absurdo; e ao perguntar para o funcionário de TI se era preciso mesmo trocar, ele explicou  
3 que aquele já tinha um determinado número de anos e se ele pifasse a qualquer momento, o  
4 Instituto ficaria ilhado. Então compraram, mas são compras demoradas, demoraram mais que  
5 um ano para conseguir licitar esse *switch*, que é bastante caro. Há algumas coisas muito boas  
6 na proposta, uma delas é a questão de contratar coisas por aluguel. Porque itens de TI deterioram  
7 rapidamente, então quando compram por aluguel há a vantagem de ter um item atualizado. O  
8 exemplo que tem em mente, que funciona muito bem para o Imecc, é o contrato com as  
9 impressoras. Tinham impressoras próprias, recentemente acabaram com elas e ficaram só com  
10 as impressoras do contrato, porque se dá um problema, ligam para a empresa, que vem no  
11 mesmo dia para arrumar. Para ele foi uma surpresa, quando fez a conta, de que é mais barato o  
12 contrato de aluguel se houver uma demanda do que comprar o equipamento e dar manutenção  
13 nele. O Professor RICARDO DAHAB diz que fizeram um levantamento inicial para *desktops*,  
14 que ainda é uma questão da Universidade, e em mais ou menos três anos de locação pagam um  
15 *desktop*. Claro que é preciso ver os outros custos que não estão aí, mas, em princípio, possuem  
16 o equipamento moderno, no momento em que pifar vem alguém consertar, podem inclusive  
17 alugar um repositório a mais para trocar rapidamente. Hoje está em três, mas tem gente que vai  
18 dizer que qualquer equipamento dura cinco anos, dura seis anos, então não poderiam gastar  
19 basicamente o dobro. Acha que a questão da impressora está pacificada, ninguém mais quer de  
20 outra forma, mas para *desktops* ainda vão trazer uma análise quando for o momento de aprová-  
21 los no segundo semestre, pretendem trazer uma análise um pouquinho mais fina. Por enquanto,  
22 possuem somente uma ou duas cotações; vão avaliar se é vantajoso fazer um contrato de longo  
23 prazo. O Professor RICARDO MIRANDA MARTINS diz que realmente fica bem mais barato.  
24 Pergunta se há previsão de fazer alguma coisa de *storage*; o servidor de disco do Imecc é bem  
25 antigo, é robusto, mas é antigo e para trocar vai custar muito dinheiro, porque as controladoras  
26 são muito caras. Não sabe o quanto as unidades conseguem usar esse sistema da nuvem da  
27 Unicamp para *storage*. O Professor RICARDO DAHAB diz que há um item de *storage* na  
28 proposta, mas acha que vão ter de aumentar e oferecer isso como serviço para a Universidade  
29 toda. Hoje é limitado na nuvem, há o Google Drive, que usa hoje 3.4 Peta e a partir do ano que  
30 vem vai cair para 1.2; a partir daí, terão de pagar o excesso. Então é algo que estão olhando  
31 com cuidado. Fizeram esse primeiro pedido para a Fapesp e o problema é que quando pediram,  
32 parecia razoável. Hoje estão pedindo 2 Peta com 2 de redundância, não vai dar, vai encher  
33 rápido, mas precisam cuidar, inclusive por causa da ideia de fazer um repositório da Unicamp  
34 um pouco mais integrado, mas talvez antes de comprar uma solução precisem pagar um pouco  
35 espaço externo e jogar alguma coisa menos sensível externamente. O Professor RICARDO  
36 MIRANDA MARTINS diz que uma proposta que aparece aqui é sobre o Smartcard, de  
37 modernizar isso; comentaram na COP, quando foi implementado o VR, como na Unicamp  
38 ainda é muito manual para inserir recursos, não conseguem fazer com PIX. Então, acha que  
39 esse de fato é um avanço grande, pois é algo que todos acham que é mais fácil fazer do que é,  
40 há um contrato etc., e a compra desse serviço resolve um pouco. Tem duas dúvidas, uma sobre

1 o *software* NVivo, se a ideia é que ele seja disponibilizado para as unidades, por exemplo, para  
2 fazer ata de reunião. O Professor RICARDO DAHAB diz que já conseguem fazer isso  
3 razoavelmente com o Google Meet, ele gera transcrição, apontando em cada momento quem  
4 falou, a que hora falou e o que falou. Claro que é necessário fazer correções, mas já teriam a  
5 transcrição. Mas o NVivo é mais do que isso, ele é melhor, faz isso de uma forma mais  
6 profissional. O Professor RICARDO MIRANDA MARTINS diz que principalmente para  
7 reuniões presenciais de congregação, da qual podem pegar o áudio e já ter uma transcrição  
8 inicial, é algo bastante interessante. Outra dúvida é sobre o Power BI, no projeto está a  
9 contratação do Power BI que acha que a CGU e outros órgãos têm usado. Pergunta por que não  
10 usam, por exemplo, o R Shiny. O Professor RICARDO DAHAB diz que estavam usando o  
11 Clicker, mas o Edat, o Escritório de Dados, sente a necessidade de algo mais profissional, com  
12 mais recursos. Tanto que estão pedindo tanto a parte que deixa fazer desenvolvimento quanto  
13 a coisa de visualização, comprando licenças para isso tudo. Isso foi uma demanda deles. O  
14 Centro de Computação, que estava feliz com o que tinha, achou maravilhoso que agora possam  
15 ter o Power BI Premium. Acha que talvez precisem de uma coisa para uso mais corriqueiro,  
16 possam ter uma solução um pouco mais barata, e essa mais profissional deixar com os órgãos  
17 que de fato precisam fazer visualização gerar *dashboards*, coisas desse tipo. O Professor  
18 RICARDO MIRANDA MARTINS diz que vê muito o pessoal da estatística usando o R Shiny.  
19 Sua outra dúvida é sobre os APs comuns da Universidade, já solicitados por várias unidades no  
20 último PATC. O Professor RICARDO DAHAB responde que já estão sendo comprados. O  
21 Professor RICARDO MIRANDA MARTINS diz que os equipamentos têm de conversar entre  
22 si, senão não dá certo. Estavam no Imecc quase para comprar alguns de outra marca para colocar  
23 em uma controladora menor, como dentro da biblioteca, porque não sabiam que já estava  
24 chegando. O Professor RICARDO DAHAB diz que estão chegando esses do PATC 2021 e  
25 2022, e agora estão solicitando mais. O Professor RICARDO MIRANDA MARTINS diz que  
26 a Citic controla esses pontos de acesso externos, mas não sabe o que exatamente consideram  
27 externo. Por exemplo, nas salas de aula, pelo menos no Ciclo Básico, CB e PB, a rede é bem  
28 restrita. Não sabe se isso é algo da PRG ou se a Citic poderia considerar isso como área comum.  
29 O Professor RICARDO DAHAB diz que todos os APs da Unicamp que são integrados, que  
30 fazem acesso Eduroam, são controladas centralizadamente dentro do CCUEC hoje, há uma  
31 controladora lá que que vê todos os APs, vai ver os APS que vão ser instalados agora na  
32 moradia. A moradia vai receber uma infraestrutura totalmente nova que vai chegar nas casas,  
33 hoje ela só tem APs nas áreas comuns. E observa que só recomendam a compra de duas marcas  
34 para poderem manter compatibilidade e ser controlado. É a mesma história do *switch*, ou  
35 compram uma marca específica ou não conseguem controlar centralizadamente. O Professor  
36 RICARDO MIRANDA MARTINS diz que o Suap é meio burocrático, ele é um sistema  
37 centralizado, uma espécie de SAP R3 para a questão da educação. E a grande vantagem dele é  
38 que é um sistema só, fazem *login* em uma coisa e tudo está ali. Pedir férias, lançar nota, imprimir  
39 chamada é tudo em um lugar só. Não sabe se a burocracia é da Universidade ou é do sistema,  
40 porque ele foi feito para comportar a burocracia do sistema federal. Algo que vivenciam na

1 Universidade, e com a qual concorda com o senhor Matheus, e não sabe se falta equipe para  
2 fazer isso, são sistemas que fazem coisas muito parecidas, mas não conversam um com outro.  
3 Por exemplo, acha que todos vão ter, por conta da LGPD, uma questão sobre como divulgam a  
4 nota de aluno, e o exemplo mais gritante que tem disso é que colocam a nota no Moodle e  
5 depois não conseguem jogar isso na DAC automaticamente, precisam digitar novamente as  
6 notas, é algo meio bizarro. Então, um Suap ou um sistema assim seria muito bem-vindo para a  
7 Universidade, para terem um sistema só. Vai ser um trabalho enorme migrar o banco de dados,  
8 mas acha que é um trabalho que tem de começar em algum momento. A Professora ELAINE  
9 CRISTINA DE ATAÍDE diz que o AGHUse entrou naquele processo da rede da comunidade  
10 e o que mais emperra é a questão de desenvolvimento. Há uma série de incongruências entre o  
11 que acontecia em Porto Alegre e o que possuem aqui de prerrogativa técnica. E agora, até o  
12 doutor Vanini, que é um professor aposentado que os está ajudando, está vendo algumas  
13 impossibilidades que podem gerar até que a conclusão, em última instância, que o AGHUse  
14 não é o modelo ideal para o HC. Por isso, entende que as discussões sobre escolha de *softwares*  
15 têm de ser bem criteriosas, para que se houver problema, ele não fique sob a responsabilidade  
16 de apenas uma pessoa, como o AGHUse acaba ficando sobre uma ou outra pessoa que tomou  
17 essa decisão. Existem pessoas mais do que gabaritadas dentro da Universidade para ter definido  
18 o melhor modelo e agora todos dizem que não sabiam, que foram pegos de surpresa. A própria  
19 Sonda está se surpreendendo, então é uma coisa complicada. Outra consideração é que estão  
20 tendo um problema semelhante em relação a anestesistas, que da mesma forma que o  
21 desenvolvedor TI, tem um mercado muito competitivo. Está dando o exemplo do anestesista,  
22 mas há outras três ou quatro especialidades com a mesma característica. Está tendo muita  
23 procura e o pessoal daqui não está dando conta; abrem concurso, fecham concurso e não há as  
24 pessoas ali para compor a necessidade do serviço. Então, já que é uma atividade fim, porque  
25 está tendo contato direto com o paciente, teve de haver essa prerrogativa legal de vários  
26 concursos abertos e fechados. Só que se deparam com outra questão: conseguiram, com essas  
27 pessoas, pagar como pessoa jurídica e individual para que eles viessem com salário que um  
28 concurso público não conseguiria apontar. Se puserem no papel o que aquela pessoa representa  
29 para a Universidade, vai ficar a mesma coisa, porque não estão pagando encargos e tudo o mais,  
30 só que as pessoas que já estão contratadas vão questionar, como mencionou o senhor Matheus  
31 no caso dos servidores de TI. O que estão tentando fazer, e parece que está dando certo, é fazer  
32 para os anestesistas, no caso, que estão trabalhando no regime CLE ou CLT, a partir de uma  
33 determinada produção que se apresente na Universidade, pagar uma bonificação. Essa  
34 bonificação é como um plantão, ela não entra em questão de aposentadoria, mas o salário  
35 aumenta e a pessoa se sente um pouco mais encorajada, animada e prestigiada, visibilizada por  
36 estar continuando a trabalhar no sistema que ela está, e com isso até novas pessoas se sentem  
37 mais encorajadas a prestar um concurso dentro da Universidade. Então estão tentando fazer  
38 esse modelo com Anestesia e talvez possa ser feito em outros locais da Universidade. O  
39 SENHOR PRESIDENTE diz que que não se trata aqui de uma proposta excludente;  
40 evidentemente, quando pensam em parceria, e a Universidade tem pensado nisso, porque ela

1 tem de continuar sendo um lugar de produzir conhecimento, mas também ser usuária do que há  
2 de melhor do ponto de vista tecnológico, isso não quer dizer que estão excluindo, pelo contrário.  
3 Vê que existe sim muita capacidade aqui, tanto do corpo de servidores, como do corpo de  
4 pesquisadores e docentes, para sempre produzir conhecimento. Mas também não precisam uma  
5 posição hostil sobre as parcerias, pois contar com o que vem sendo desenvolvido externamente  
6 é importante também. Acha que precisam encontrar esse equilíbrio, essa combinação; um  
7 exemplo muito claro é o que a gestão adotou em relação às obras. Saíram de um patamar de  
8 investimento em infraestrutura bastante significativo, até por conta das condições financeiras,  
9 e obviamente isso traz uma demanda muito grande, por exemplo, dentro da Depi, nos serviços  
10 de engenharia, nos serviços de arquitetura da Universidade. Foi feito, sem menosprezo aos  
11 servidores, pelo contrário, com apoio desses servidores, uma parceria com a Caixa Econômica  
12 Federal, que é uma *expertise* nacional em obras. No momento em que trazem um acordo com  
13 a Caixa, não estão desvalorizando a Depi; pelo contrário, está valorizando uma área como essa,  
14 colocando os seus profissionais em contato com outros profissionais também gabaritados e  
15 conceituados. Entende que em um setor onde a rapidez, o desenvolvimento, mesmo se forem  
16 pensar do ponto de vista tecnológico, a rapidez com que há uma depreciação tecnológica e a  
17 necessidade de respostas é imediata, essas parcerias se fazem ainda mais necessárias. Não vê  
18 nessa proposta que está colocada aqui, ainda que não seja um especialista em TI, nenhum  
19 demérito ao desenvolvimento interno, pelo contrário, acha que continuarão desenvolvendo  
20 *softwares* internamente, continuarão a desenvolver conhecimentos na área de TI, mas também  
21 contarão crescentemente com parcerias, como o professor Dahab bem delineou e esclareceu.  
22 Consulta o senhor Matheus quais itens ele sugere retirar de pauta. O senhor MATHEUS DA  
23 SILVA MARCHETI MARTINS responde que a contratação de serviços de terceiros, o sistema  
24 Gees e o estúdio da SEC, e ficaria na dúvida quanto à questão do *software* de rastreamento de  
25 rede óptica para saber se o ArcGIS não contempla, embora o valor seja baixo. O Professor  
26 RODOLFO JARDIM DE AZEVEDO diz que havia levantado também a questão da obra física  
27 da SEC, porque o orçamento tem da ordem de R\$700 mil em equipamentos. Concorde que essa  
28 borda fica para o lado da TIC, coisas como conversor de vídeo fazem todo o sentido ficar do  
29 lado da TIC, mas entendeu perfeitamente que não dá para comprar esse equipamento sem ter o  
30 local, mas não lhe parece que isso seja uma preocupação de TIC. O SENHOR PRESIDENTE  
31 diz que podem trazer isso em um outro momento, se for esse o entendimento da COP, e aprovam  
32 dentro do PPI, mas como obra e não aqui dentro do pacote de TI. Solicita que o senhor Matheus  
33 especifique novamente os itens da proposta de retirada de pauta. O senhor MATHEUS DA  
34 SILVA MARCHETI MARTINS diz que o 3.15, que é do ArcGIS, para fazer essa consulta; o  
35 3.42, que é uma contratação de *software*; e o 3.61, que é do estúdio da SEC. O SENHOR  
36 PRESIDENTE pergunta se no caso do estúdio da SEC estão propondo tirar tudo ou apenas a  
37 parte civil, como o professor Rodolfo sugeriu. O senhor MATHEUS DA SILVA MARCHETI  
38 MARTINS diz que somente a parte civil. O Professor RICARDO MIRANDA MARTINS  
39 sugere que a votação dos itens seja feita separadamente. O SENHOR PRESIDENTE submete  
40 à votação a retirada de pauta do item 3.61, associado à questão do estúdio de rádio e TV, que

1 resulta em empate, sendo desempatado pelo senhor presidente, que vota pela não retirada de  
2 pauta. Portanto, o item fica mantido integralmente em pauta. Em seguida, submete à votação a  
3 retirada de pauta do item 3.15, que trata da contratação de *software* para rastreamento de rede  
4 óptica, que resulta em empate e sendo desempatado pelo Senhor Presidente, que vota pela não  
5 retirada de pauta. E, finalmente, submete à votação a retirada de pauta do item 3.42, que trata  
6 da contratação para a produção de *softwares*, que é rejeitada com 05 votos contrários e 01 voto  
7 favorável. Então, fica mantido em pauta o item 3.42. O senhor MATHEUS DA SILVA  
8 MARCHETTI MARTINS pergunta se podem assumir um compromisso que pode ser consultado  
9 pelo menos se o ArcGIS responde às necessidades. O Professor Ricardo DAHAB diz que  
10 solicitou há pouco um esclarecimento para o pessoal que trabalha com isso diretamente, e eles  
11 disseram que o ArcGIS é genérico, e o que estão propondo é especificamente para  
12 monitoramento de rede óptica. O valor que está colocado, de R\$6 mil, não é muito alto, e é um  
13 *software* com o propósito específico de ajudar na gerência de uma rede óptica em particular. O  
14 Professor CESAR JOSÉ BONJUANI PAGAN observa que o ArcGIS é um banco de dados  
15 georreferenciado, por isso que é dito de caráter genérico. Se o serviço puder ser feito pelo  
16 ArcGIS, concentram mais dados no mesmo banco de dados, o que é muito importante para o  
17 sistema de georreferenciado do *campus*. O Professor RICARDO DAHAB diz que vai assumir  
18 o compromisso de esclarecer esse tópico, inclusive para ver se não conseguem integrar as  
19 informações que esse outro *software*, em princípio, vai coletar e integrá-lo ao banco de dados  
20 do ArcGIS. O SENHOR PRESIDENTE passa ao item 01 da Ordem do Dia Suplementar – 01-  
21 P-18408/2017 –, que trata da alteração do Anexo II da Deliberação Consu-A-16/2019, que  
22 dispõe sobre a Tabela de Gratificações de Representação, para incluir a função gratificada de  
23 Prefeito dos *Campi* de Limeira, incluindo FCA, FT e Cofil, tendo sido criada recentemente a  
24 Prefeitura Universitária em Limeira. Lembra que estão hoje com investimentos da ordem de  
25 R\$100 milhões em Limeira, e fizeram até essa apresentação lá junto agora à prefeitura  
26 municipal. A Unicamp está investindo em Limeira mais do que a própria prefeitura municipal,  
27 isso foi coberto inclusive pela imprensa. Limeira hoje representa 25% das atividades da  
28 Universidade, tanto do ponto de vista dos alunos, pouco menos em termos de servidores e de  
29 docentes. Então, a ideia da criação da prefeitura é dar conta de toda essa logística que não tem  
30 apenas a ver com as obras, obviamente, tem a ver com o restaurante universitário, a manutenção  
31 dos *campi*, e isso certamente melhorará muito o serviço prestado à comunidade de Limeira.  
32 Então, o que estão fazendo é, ao criar a prefeitura, criar essa GR para o prefeito dos *campi*.  
33 Como foi combinado e votado no Conselho Universitário, toda vez que criarem uma  
34 denominação nova, precisam levar isso para o Conselho Universitário. Quando é apenas uma  
35 mudança quantitativa em uma denominação que já existe, isso é votado dentro da CAD.  
36 Independente disso, a COP precisa autorizar esse recurso adicional, que tem o valor da GR de  
37 R\$5.648,30, mensalmente uma despesa para a Universidade de R\$7.622,00, R\$91.465,00  
38 anual. O Professor CESAR JOSÉ BONJUANI PAGAN pergunta por que na tabela atual consta  
39 uma gratificação de valor menor. O Senhor THIAGO BALDINI DA SILVA diz que a tabela  
40 está com o índice baseado na resolução Cruesp 01 de 20.07.2018, mas ela será atualizada para

1 a CAD, com índice baseado na resolução Cruesp de 30.05.2023. Não havendo mais  
2 observações, o SENHOR PRESIDENTE submete à votação a matéria, que é aprovada por  
3 unanimidade. Nada mais havendo a tratar na Ordem do Dia, passa a palavra para manifestações  
4 no Expediente, aproveitando para agradecer ao senhor Matheus pelas intervenções, pelos  
5 comentários e pela leitura atenta de toda a pauta. O Professor RICARDO DAHAB agradecer a  
6 confiança da COP no trabalho que a Citic está fazendo e se coloca totalmente à disposição para  
7 responder aos questionamentos. Nada mais havendo a tratar, eu, Aline Marques da Costa, redigi  
8 a presente Ata que será submetida à apreciação dos Senhores Membros da Comissão de  
9 Orçamento e Patrimônio do Conselho Universitário. Campinas, 29 de junho de 2023.

*NOTA DA SG: A presente Ata foi aprovada na 160ª SESSÃO ORDINÁRIA  
DA COMISSÃO DE ORÇAMENTO E PATRIMÔNIO, realizada em 31  
de agosto de 2023, sem alterações.*